

Hamlet:
Ser ou não ser?
Só Freud
explica

CPMTRATP M° 3956791
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO IV

Nº 35 / 38

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL



O Poeta da Vila

Sessenta anos
sem a poesia de Noel

Notícia Geral,
duzentos anos
de
história de
Goiás

Entrevista:
José Godoy
Garcia, 50 anos
de literatura

A cultura de Brasília exige espaço

No princípio eram trevas, depois fez-se a luz. Esta verdade bíblica reflete fielmente o que se passa com as pessoas que não têm acesso à educação e à cultura e, só depois, através dos livros, adquirem o conhecimento, a luz. A cultura, em seu significado maior, "humaniza" o homem, tornando-o um ser social. A cultura, como tradição, só se desenvolveu a partir do momento em que o homem aprendeu a comunicar-se, primeiro através de gestos e finalmente desenvolvendo a fala, inventou a palavra. A partir deste instante demos um salto para a civilização. O homem e a condição humana são conduzidos pelo sentido da palavra. A língua é a pátria, nos dizia Pessoa. A língua é uma realidade viva, dinâmica e permanece sempre em evolução. Daí a importância da palavra.

A propósito, é sempre bom guardar na memória o verso do poeta mineiro, Carlos Drummond de Andrade, que, de sua pequena Itabira, nos lembrava em seu poema "A Luiz Maurício, infante": **Pois as palavras serão servas de estranha majestade.** No fundo, servo da palavra somos nós que as proferimos, no dizer de Gerd A. Bornheim, em "Cultura Brasileira: Tradição/Contradição". A palavra é obviamente serva, nós a manipulamos, o que não impede que se apresente, de outro lado, uma majestade, que faz de nós o seu servo. Deus deu aos poetas e aos escritores o dom de saber usar as palavras, de torná-las servas para que elas iluminem as trevas da ignorância e do desconhecimento, abrindo para todos nós as portas de outros mundos.

Neste número, abrimos as portas do DF Letras aos poetas e escritores de Brasília, aos nossos artesãos da palavra. Que maravilha podermos constatar que, ao contrário do que muitos críticos brasilienses afirmam, com olhos fixos apenas para o eixo Rio-São Paulo, Brasília é um pólo cultural por excelência, pela força dos nossos escritores. Muitos deles premiados nacional e internacionalmente. Não citaremos nomes porque a lista é por demais extensa. De imediato, podemos identificar a excelente qualidade dos trabalhos publicados nesta edição.

Podemos creditar ao trabalho realizado pelo Conselho Editorial do DF Letras, que foi empossado em concorrida solenidade, no Instituto Histórico e Geográfico do DF, no dia 25 de junho último, com representantes de doze Academias de Letras do Distrito Federal, grande parte deste novo dimensionamento. Com o trabalho dos Conselheiros, liderados pelo emérito escritor, crítico literário e poeta, João Carlos Taveira, o nosso suplemento cultural deu voz e vez aos escritores e poetas do Distrito Federal, jogando uma pá de cal sobre aqueles que, com o vício da colonização cultural do Sul Maravilha, se negam a valorizar a nossa produção cultural, escudados sob o poder da mídia diária e a soldo das grandes editoras. Os escritores de Brasília sempre terão uma trincheira no DF Letras. Este é o nosso compromisso.

Luiz Estevão
Vice-Presidente da CLDF

José Godoy Garcia



Vivemos, de há muito, num mundo em que a poesia tem sido de tal maneira prostituída, manipulada na sua essência, na sua técnica, que não está exigindo muito talento. Torna-se um gênero muito gasto - qualquer meio quilo de talento é um livro de poesia no gargalo do mundanismo chulo.

Uma vida dedicada à arte

Entrevista concedida a João Carlos Taveira para o **DF Letras**

No próximo ano, um dos principais escritores de Brasília (por que não um dos melhores do Brasil?) estará completando oitenta anos de vida e 50 anos de atividade literária. José Godoy Garcia, que chegou a Brasília antes mesmo da instalação do primeiro canteiro de obras, demonstra, nas declarações abaixo, ser possuidor de uma visão isenta de bairrismo e de uma paixão pulsante pela vida. Nestes oitenta anos de jovialidade, a trajetória humana e poética de José Godoy Garcia justifica o pensamento de André Malraux (o marxismo não é uma filosofia mas um destino), pois, independentemente das revisões conceituais das relações entre

capital e trabalho, nunca perdeu a solidariedade e a capacidade de acompanhar o processo histórico, com uma sempre lúcida postura crítica.

Segundo afirmou Salomão Sousa, ao examinar **O Flautista e O Mundo Sol Verde e Vermelho** (Thesaurus, 1994), "se José Godoy Garcia, enquanto homem, é marxista, quase extremista, provocativo; enquanto escritor é aquele que pratica o equilíbrio - não como simples neoliberal. É o poeta dialético, que não se arrasta pela simples

esperança, pois entende que o mundo se transforma não só pela ação, mas também pelas idéias. E para ele as idéias de transformação podem ser novas, devem ser novas, não podendo se pautar sempre por posições já fixadas. As idéias novas passaram a fazer parte do mundo, reza um de seus versos filosóficos para reafirmação deste embate dialético, entre ação e idéias, que possibilita o sonho de todos - ser feliz".

Bibliografia: **Rio do Sono**, poesia

(1948); **O Caminho de Trombas**, romance (1966);

Araguaia Mansidão, poesia (1972); **A Casa do Viramundo**, poesia (1980); **Aqui é a Terra**, poesia reunida (1980); **Entre Hinos e Bandeiras**, poesia (1985); **Os Morcegos**, poesia (1986); **Os Dinossauros dos Sete Mares**, poesia (1988); **Florisundo Periquito**, contos (1990); **O Flautista e o Mundo Sol Verde e Vermelho**, poesia (1994); e **Aprendiz de Feiticeiro**, estudos críticos (1997).

E N T R E V I S T A

DF LETRAS - Em 1948, foi publicado *Rio do Sono*, seu primeiro livro de poemas. O que está sendo preparado para comemorar os 50 anos de sua atividade literária?

JQQ - Em 1998, terminarei esta obra, que comecei em 1948. Será que deverei comemorar este feito que tem durado 50 anos? Nem sei!... O que sei é que chega ao final agora o que foi começado naqueles anos, pós-vitória contra o nazismo. Sim, termino agora com a publicação de todos os meus livros, que, em verdade, são um só feito, uma só obra, uma só tempestade, uma só bonança.

DF LETRAS - Para contradizer um de seus críticos, onde você se esconde? Na poesia ou na prosa de ficção?

JQQ - Eu não me escondo nem na prosa nem na poesia. Eu, neste espetáculo circense, simplesmente me apresento, na pretensão de não me esconder em nada, para falar o que me vem ao coração, doidamente o que me vem à consciência. Sou um ser que leva para o além, como todo mundo, o nada. Mas o que fica é uma dedicação à arte. Pois considero a arte a mais bela forma humana de estar na vida e sentir o ser na sua vitalidade excepcional. Eu tenho a impressão de que, se não houvesse poesia e arte no mundo, eu seria simplesmente um

punheteiro num cárcere, num deserto ianque. Poeta inquisidor: por que isto tudo? Porque nada mais insípido e vazio do que ser punheteiro (em tudo); nada mais insípido e vazio do que ser obrigado a passar os dias num cárcere; porque o deserto é tudo que é estéril e despido de vida; porque ianque é tudo isso e mais; é pobreza no enlaidado de um quarto com cortinados onde é bem possível acontecer um crime horrendo com sangue dos pés à cabeça.

DF LETRAS - Gertrude Stein considera que o escritor não precisa de crítica, mas de valorização. Quais foram seus críticos, e em que eles contribuiriam para o desenvolvimento de sua obra?

JGG - Gertrude Stein foi uma literata de uma geração que se proclamou perdida, teve a graça divina de se inteirar do sexo santificado da mulher (era lésbica), com a pretensão de ter sido a inventora do *stream of consciousness*! Deu uma banana pra bestialidade ianque e foi morar em Paris da primeira metade do século. Sim, tudo isto. Mas essas suas tolices de dizer que o escritor não precisa de crítica, e sim de ser valorizado, só tem um sentido de equívoco: a forma mais digna de se valorizar a obra de um escritor é através da crítica. A crítica se manifesta grandiosa, quando atu-

ante no seio da sociedade. E, ainda, quando atuando por sobre a obra de um determinado escritor. Em geral, ela, a crítica, vale para todos, ainda que o criticado se sinta injustiçado ou ofendido. A crítica é sempre positiva e abre campo ao debate e descortina uma porção de problemas. O meio que seja hostil à crítica, ou em que ela esteja em crise, ou em ruínas, como em nosso país, na atualidade, é um meio que está em decadência. Só uma vigorosa crítica poderá ajudar na construção ou reconstrução de uma nova etapa da vida cultural, uma nova fase, um novo tempo. Ela representa um processo de conhecimento; constitui um acervo da cultura humana. Quanto a mim, os críticos que contribuíram para o desenvolvimento de minha obra foram Marx, São João Batista, Tchecov e minha jovem mãe revolucionária. A crítica, na sua essência, tem um sentido revolucionário.

DF Letras - Em seu livro mais recente *Aprendiz de Feiticeiro*, você envereda pelas trilhas tortuosas da crítica literária. Esse enveredamento representa uma necessidade de oposição à crítica vigente, ou uma ocupação do espaço em que ela deveria existir?

JGG - Por que tortuosa? Você não está sendo preconceituoso com respeito ao **Aprendiz de Feiticeiro**? É ver-

dade que hoje, e desde há muito, há no país uma elite que está sempre olhando com suspeição um livro de crítica. É lógico: não por acaso, a crítica é sempre um gume diabólico contra os desmandos e as intrigas e as sanhas mal-amadas dessa elite. É lógico: é uma elite fajuta. De um país em crise social aberta, com males velhíssimos, aberrações mais antigas que a Sé de uma Bahia ou de uma Candelária assassina de meninos de rua. Nossos já velhos e desnaturados e arruinados figurões detestam uma obra crítica; vêem-na não só com desdém, mas com desbriada maledicência, não sereno despeito e desconsideração. Porque uma obra crítica, por pequena que seja, joga luz no grotesco de suas opiniões e mais: joga luz na completa e ruinosa ausência de valores críticos e estéticos por parte destes eunucos da literatura. Uma obra serenamente feita numa trilha de critérios filosóficos é uma estrela-guia que sempre foi torpedeada pelos mandarins, novos e velhos. Nunca um livro de crítica é tortuoso. Um tiro de canhão ou de garrucha no obscurantismo é sempre um grande beijo envenenado de verdades. O livro agora dado à luz, **Aprendiz de Feiticeiro**, não é um almanaque, destes de advogados buscando dourar embustes nos seus caminhos. É um livro que cria, levanta idéias, problemas, investe contra o que se passa nos departamentos de letras das universidades, contra o embustei-ro dos métodos dos senhores pós-graduados de nossas universidades. É o livro que ocupa um espaço, antes quase totalmente ocupado por burocratas da palavra e da linguagem. As universidades brasileiras são os poleiros das manipulações mais crasas.

Não há teoria, não há pensamento, há uma só crapulice, que é a manipulação.

DF Letras - Você foi sempre um homem de intensa militância política. Parte da história dessa militância está registrada no seu romance *O Caminho de Trombas*, de 1966. Ainda é possível ser marxista? Hoje, depois de mudanças radicais no processo de for-

mação de opinião, qual a melhor forma de engajar-se politicamente?

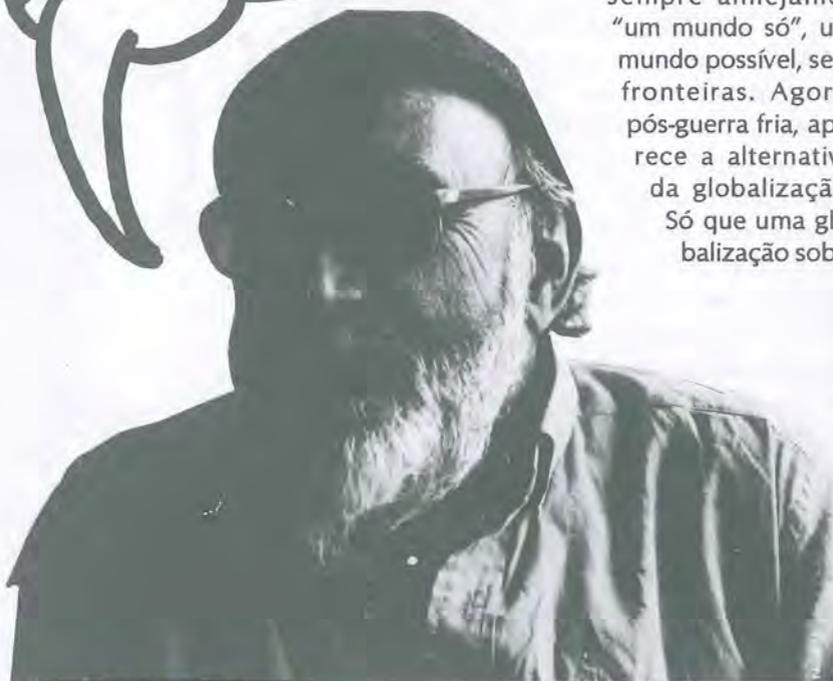
JGG - Este termo engajamento é parte de uma enojada noção elitista (militarista) e não dá bem o sentido real do que vem a ser a participação de um ser comum na vida política de seu país. Neste processo de ingênuo, legítimo participar, eu me tornei um marxista. Me indaga você: ainda é possível ser marxista? Ora: desde o começo do mundo, eu sou marxista, e mais engraçadamente e mais necessariamente: desde o começo somos todos marxistas. É sempre enganoso pensar que o mundo anda pelos caminhos da antidialética e do idealismo filosófico.

E eu explico por quê. Porque a vida na face da Terra é real. Pode-se caminhar pelo idealizado, pensar que assim se avança e caminha, mas, ao cabo de algum tempo, tudo se resolve e o

homem acaba por perceber que a essência material, o sentido das condições vivas do ser é que determinaram o avanço e a vida. Por outro lado, pode-se caminhar pelas trilhas certas, não idealizadas, pelas trilhas reais, e ainda assim podemos errar!... Frustrantes, nossos objetivos e sonhos. Frustrantes, para uns sempre tolos, frustrantes para uns certos parasitas da vida, que, diante de derrotas, sentem-se traídos, gajos ressentidos!, punheteiros! É preciso ter consciência sobre o movimento da vida. Quando se toma conhecimento desse movimento, tudo fica claro e nos tornamos marxistas! Eu vivi antes do "muro!" como um participante na luta, numa guerra que se chamou "guerra fria". Agora eu vivo (depois do "muro") mais vivo e alerta, porque, pelo menos aparentemente, não há uma política de guerra e de armamentos. Os blocos de guerra se desfazem, se bem que contra suas vontades e interesses.

Agora estamos livres para pensar o nosso país, pensar a humanidade, sem guerra fria! A história da humanidade é um processo feito num ritmo de fluxos e refluxos, como todo processo... Na atualidade, pós-guerra fria, levanta-se uma alternativa, a da globalização do mundo. Nós, marxistas, sempre almejamos "um mundo só", um mundo possível, sem fronteiras. Agora, pós-guerra fria, aparece a alternativa da globalização. Só que uma globalização sob a

É sempre enganoso pensar que o mundo anda pelos caminhos da antidialética e do idealismo filosófico.



hegemonia das forças imperialistas, que não se desengajaram de suas políticas de domínio, de imposição dos seus interesses e privilégios conflitantes com os interesses da imensa maioria dos povos. Haveremos de modificar estas estratégias dominadoras. Acabou-se o fantasma do comunismo - graças a Deus! -, esta moeda forte que era exibida pelos inimigos dos povos no sentido de se ajertarem no processo de pilhagem e domínio. Graças a Deus! Graças à "queda do muro", a que tanto sonhou o poeta Anderson Braga Horta na sua poesia, ele que sempre fez parte dos que engordavam a palavra de ordem aos poetas do mundo contra o "engajamento"!!! Graças ao Padim Ciço! Graças à Nossa Senhora da Abadia! Graças à Nossa Senhora Aparecida! Acabou (com a queda do muro!) o "fantasma do comunismo". Agora vivemos o processo dialético do mais legítimo real da vida e da história. O dia-a-dia da vida vai ser mais intensamente vivido. Neste final do século vinte, na entrada do terceiro milênio, haveremos de caminhar mais profundamente dentro do "real" (sem trocadilho), e este real significa ser livre em nossos caminhos e sem uma excrescência brutal, que sempre vem a ser andar sob o guante dos planos de guerra das forças dominantes imperiais. Caminharemos dentro de verdades que se abrem à consciência mais alerta e experiente do homem. Nesta nova fase da vida da humanidade, não há, pelo menos abertamente, novos planos de guerra. E a paz mata os morcegos do ouro-dólar! Não estou iludido por um exame de caráter idealista: pode ser que nova intente se formar no sentido do choque militar entre as nações. Sabemos que os interesses econômicos contraditórios poderão levar a novas intentes. Mas digo (e é uma voz sábia do poeta da terra e das águas e dos homens simples): vai ser muito difícil reestruturar-se uma nova "guerra fria". E gostaria de dizer: será muito difícil reestruturar-

se uma nova guerra mundial! Os sapos, os deuses de todos os matizes, os poetas, as jovens loucas de amor e os maduros incruentos dirão comigo: muito difícil uma nova guerra fria! Nestas condições, devemos concluir ainda: assim teremos, na face da Terra, um desenvolvimento da liberdade, da cultura, da emancipação nacional, do progresso. Será um desenvolvimento pacífico, sim! (Poderá não sê-lo, em cada fronteira nacional, em cada país!).

DF LETRAS - Quais as adversidades enfrentadas pelos escritores do Planalto Central, para afirmação e reconhecimento de sua obra no cenário nacional? Estaria faltando uma política literária voltada para os interesses da região?

A forma mais digna de se valorizar a obra de um escritor é através da crítica.



JGG - Taveira, profeta cândido: esse negócio de afirmação e reconhecimento no cenário nacional é negócio de "almirante batavo". Já acabou isto. Nós só temos um sonho - mansidão -, um *élan* para dominar a fêmea: é sermos leais. Leais com o nosso tempo, leais com o nosso ofício. Temos de nos dar conta de que não há nenhuma capital da metrópole medrando em nosso ninho. Hoje, tanto é "desconhecido" no Brasil o poeta daqui e d'além-mar, d'aquém e d'além-muro, daqui e do Maranhão! Há uma situação que podemos dizer emancipada: um tolo jactancioso que mora no Rio não vale nenhuma moeda podre a querer nos empresariar, e a literatura está dentro da ruína geral da Nação, da debandada colonial que desmedra no seio da Pátria! Somos da pátria filhos da... E estamos salvos, heróicos, em outros rumos. Urge criar: sejamos gratos! Devemos pensar nos interesses de nossa região e da humanidade, ter consciência de que fazemos parte da humanidade, não nos perdermos em fronteiras primárias e estéreis. Isto é uma mineirice, um gauchismo (o supra-sumo do patrioteiro fessandê). Devemos ser fiéis a nós mesmos, ao nosso momento histórico, ao ser humano que está vivo e está morrendo e está nascendo! O mundo sempre foi nosso! Agora temos a sorte de estarmos vivos! Há uma história das liberdades, uma história das emancipações, uma história do homem! E fazemos parte dessa corrente humanista!

DF LETRAS - O homem moderno tornou-se introspectivo e individualizado. Não há mais grupos nem correntes preocupados com uma mesma estética. Exige-se apenas que a obra apresente novidades estilísticas ou traga conteúdo de impacto. Os poetas tornaram-se uma elite em que eles mesmos não se entendem? Ou a poesia não precisa mais de leitores?

JGG - Quanto à sua pergunta afirmativa de que "o homem moderno tornou-se introspectivo e individualizado", não concordo com isto. E, ainda, afirmativo: "Não há mais grupos nem correntes preocupados com uma mesma estética." (O maior crime contra o pensamento é não termos em mão uma mais digna filosofia estética.) "Exige-se que a obra apresente novidades estilísticas ou traga conteúdo de impacto." (Esta, uma palhaçada formal dominante.) Afirmativo: "Os poetas tornaram-se uma elite em que eles mesmos não se entendem? Ou a poesia não precisa mais de leitores?"

Eu respondo a toda esta sua indagação, com o meu livro **Aprendiz de Feiticeiro**. Mas devemos considerar: a poesia, se está por demais desvalorizada, e não vale um tostão de mel furado no mercado, nem mesmo para os que se dão ao ofício, isto é resultante de razões óbvias. Primeiro: porque a poesia não exige muito esforço; representa o fazer num pequeno espaço. Ao contrário do cinema, que exige dinheiro, muito dinheiro, conhecimento técnico. Assim, o teatro. A poesia não exige nada disto. Exige, sim, talento criador, energia individual, compreensão do mundo, ternura, coragem, sexo, bondade humana. Mas vivemos, de há muito, num mundo em que a poesia tem sido de tal maneira prostituída, manipulada na sua essência, na sua técnica, que não está exigindo muito talento. Torna-se um gênero muito gasto - qualquer meio quilo de talento é um livro

de poesia no gargalo do mundanismo chulo. E, se se percebe dificuldade na criação poética, pratica-se o que é tradicional, o que é oficial (já tão nacionalmente hino), o soneto. Esta técnica dispensa a criação: o gajo se aperfeiçoa no contar as sílabas, no apertar o colete do decassílabo e das rimas, e as idéias e os sentimentos e os conflitos são deixados de lado pela elite ancha, e o vício se alastra. Já lá se vão passando quase cem anos de sonetos - que são só técnica. Uma merda de cruces no cemitério de nossa ruína nacional literata. É um porco jeito de conformar a elite porca: é coçar, coçar, coçar nossas perebas e barrigas e, quando muito, cantar o "muro".

DF LETRAS - Agora, uma pergunta que faço a todo poeta. Qual o seu processo de criação? Como e quando nasce o poema?

Eu, neste espetáculo circense, simplesmente me apresento, na pretensão de não me esconder em nada, para falar o que me vem ao coração.

JGG - O meu processo de criação é aquele olhar a natureza, aquele observar o ser humano, estar atento aos movimentos da vida no seu processo conflitivo, e amar, sentir a força do corpo. Estar presente no nascimento do novo que a cada hora nasce e dá uma energia vigorosa à vida. (Saudação ao computador que me ajuda na tática de criar.)

DF LETRAS - Para terminar, como você consegue ser sempre jovial, amar com tanta intensidade a vida?

JGG - E você me pergunta: como amar com tanta intensidade a vida? E eu respondo: seja velho! Só um velho tem o poder para amar com a devida profundidade a vida. Mas seja novo, sempre novo para destruir os males que não permitem que o homem seja bem feliz. E mais um conselho de filosofia ancha e intimista: seja honesto, seja digno de ser um artista, seja carinhoso com as meninas novas e com as meninas velhas, seja revolucionário, mandando à merda sempre as aparências! Se o omisso burocrata ou o omisso cafajeste ou o omisso bonzinho achar que você é um ilusionista ou achar que você é um falsário - seja omisso ao menos esta vez: deixa pra lá...

João Carlos Taveira, poeta, crítico, jornalista literário, faz parte do Conselho Editorial do *DF Letras*.



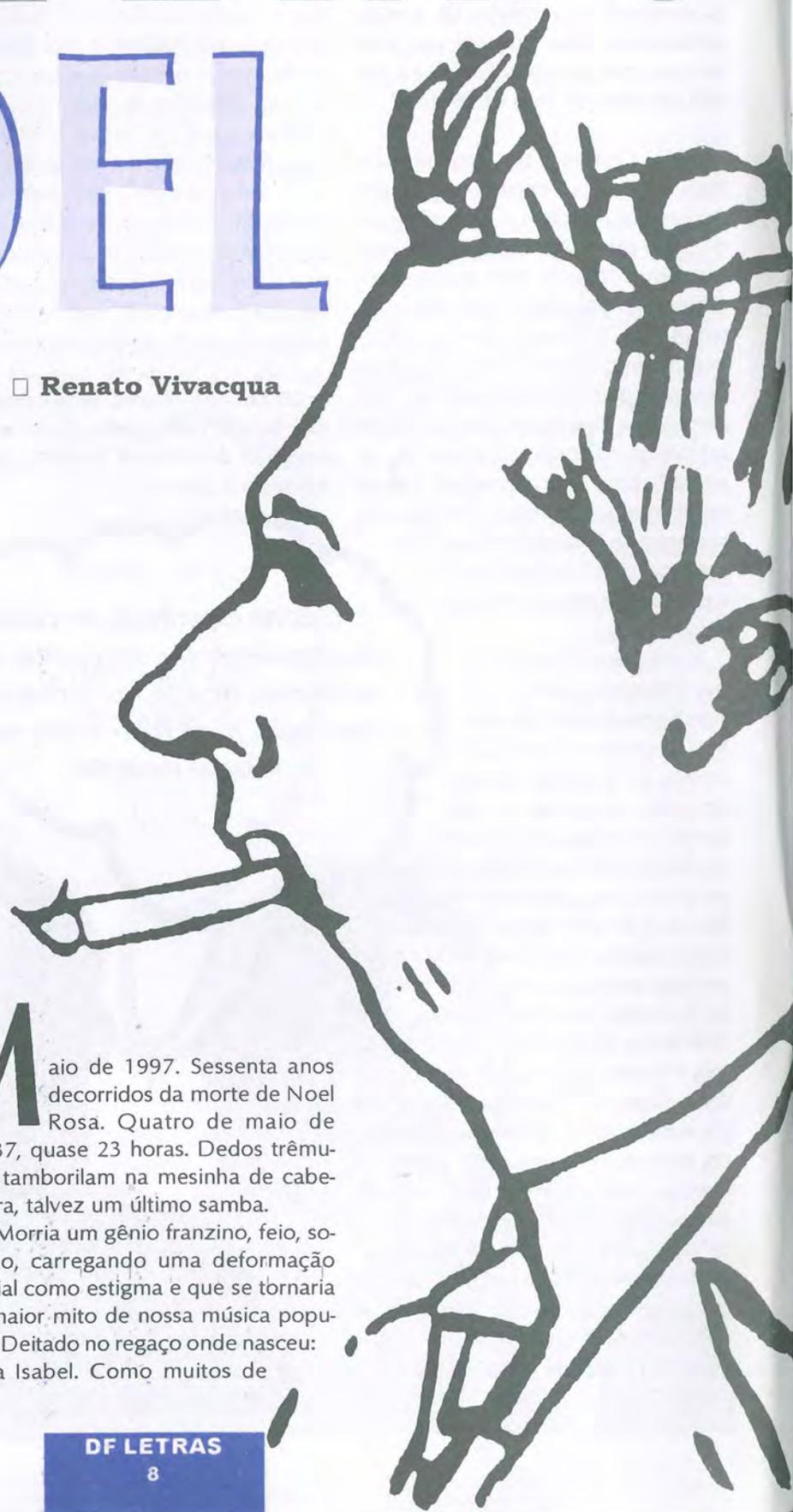
O ETERNO NOEL

O bairro carioca de Vila Isabel é um reduto legítimo do samba brasileiro. De lá saiu, talvez, o mais ilustre compositor da música popular: Noel Rosa. Para uns críticos, o homenzinho franzino, feio e sofrido é um gênio. Para outros, nem tanto. O historiador Renato Vivacqua nos conta um pouco da vida e da obra de Noel.

□ Renato Vivacqua

Maio de 1997. Sessenta anos decorridos da morte de Noel Rosa. Quatro de maio de 1937, quase 23 horas. Dedos trêmulos tamborilam na mesinha de cabeceira, talvez um último samba.

Morria um gênio franzino, feio, sofrido, carregando uma deformação facial como estigma e que se tornaria o maior mito de nossa música popular. Deitado no regaço onde nasceu: Vila Isabel. Como muitos de



seus irmãos de verso, corroído pela doença que lhe minou os pulmões, brigando com ela pelas madrugadas.

É o mais atual de nossos compositores antigos. Nunca foi chamado de quadrado nem pelos bossa-novistas, implacáveis com o passado. Outro grande compositor, Billy Blanco, disse a Chico Buarque quando esse surgiu no meio musical: "Que bom que você apareceu, agora deixarão de me chamar de novo Noel". Chico nada comentou. Com sua personalidade marcante nunca negou a influência recebida de Noel, Ismael Silva e outros. Duvido que tenha se sentido diminuído com a comparação. Pelo contrário. A morte prematura, o carisma, mas principalmente o talento fulgurante, tudo isso concorreu para transformá-lo numa figura mágica. Orestes Barbosa, logo que o conheceu, comentou com Nássara: "Esse sem queixo é um gênio".

Presto minha homenagem contando fatos de sua vida, alguns inéditos, muitas vezes a lenda se confundindo com a realidade. Começamos por seus amores. Teve muitos e foi pouco amado. Nunca fez, porém, concessão ao pieguismo. Jamais houve autopiedade em suas canções. Lamentava-se sem pedir condescendência. Sua trilha sentimental foi acidentada com mais tropeços que vitórias. Marília Batista, sua

intérprete favorita, captou bem isso: "Noel foi acima de tudo um trovador irônico, alegre e irreverente. Seus versos nunca foram alambicados nem tangenciaram as elegias choramingas dos que só sabem lamentar-se". Conto seus cantos de amor. Aos dezessete anos flertou com Clara. Por infidelidade de Noel o relacionamento pouco durou. Reencontraram-se anos depois numa festa e a jovem, acompanhada, esnobou-o. Saiu aborrecido e em instantes lança no papel **Prazer em Conhecê-lo**: "Ainda me lembro que ficamos de repente / Frente a frente / Naquele instante mais frios do que gelo / Mas sorrindo apertaste minha mão / Dizendo então / Tenho muito prazer em conhecê-lo."

Perto de Clara morava a bela Josefina. Noel galanteou-a com **Seu Riso de Criança**: "Seu riso de criança / Que me enganou / Está num retratinho / Que eu guardo e não dou." Esta ver-

são, dada por vários autores, entra em desacordo com a da própria Josefina. Localizada por uma emissora de TV em 1984, declarou: "Noel para mim fez apenas **Três Apitos** (Você que atende ao apito / De uma chaminé de barro / Por que não atende ao grito / Tão aflito / Da buzina do meu carro.), apesar de um dia, estando de pileque, ter dito que eu tinha um riso de criança."

Aracy de Almeida, que gravou a música, indagada a respeito, foi quase dramática: "Em 1933 eu era muito jovem, usava ainda meia curta e Noel fez na hora esse samba, na Taberna da Glória e me deu. Foi pra mim que ele fez esse samba. Ele fez **Seu Riso de Criança** pra mim. Ele também fez música pra mim!" Sobre o verdadeiro relacionamento Noel-Aracy até hoje pairam dúvidas. Os contemporâneos evitavam tocar no assunto. Ronaldo Bôscoli, amigo íntimo da cantora, conta em sua coluna "Eles e Eu", no jornal **Última Hora**, que Aracy chamava Noel de "arrombador de moças" e confidenciou: "Eu também entrei nessa". Recente texto de uma coleção de CDs da MPB deixa mais dúvidas: "Sua admiração por Noel já era enorme. E ela insistia em estar perto dele constantemente. Com o tempo a admiração cresceu e virou paixão e dominou os sentimentos de Aracy até a morte de Noel, sem que ele lhe

*Orestes Barbosa,
logo que conheceu
Noel Rosa, comentou
com Nássara:*

"Esse sem queixo é um gênio"



correspondesse." Josefina tornou-se uma bela mulher e Noel voltou ao asfédio musical com a citada **Três Apitos**. A moça se empregara numa fábrica de botões, mas Noel, mal informado, achou que ela trabalhava numa fábrica de tecidos: "Quando o apito da fábrica de tecidos / Vem ferir os meus ouvidos / Eu me lembro de você." Um fato inédito, que nunca foi publicado, me foi relatado pelo maestro Homero Dornellas, amigo de Noel (foi quem deu uma mexida na melodia de **Com que Roupa**, que Noel lhe mostrara e saíra parecida com o Hino Nacional). A fábrica apitava, na realidade, nove vezes ao dia. A dançarina Julinha foi a paixão seguinte. Inspirou uma das jóias de nosso cancionero: **Feitio de Oração**: "Quem acha / Vive se perdendo / Por isso agora eu vou me defendendo / Da dor tão cruel desta saudade / Que por infelicidade / Meu pobre peito invade." Ela morava no subúrbio e Noel trouxe-a para o centro da cidade. Deslumbrou-se, traiu-o e mereceu um samba antológico: "Naquele tempo em que você era pobre / Eu vivia como um nobre / A gastar meu vil metal / E por minha vontade / Você veio para a cidade / Esquecendo a solidão / E a miséria daquele barracão."

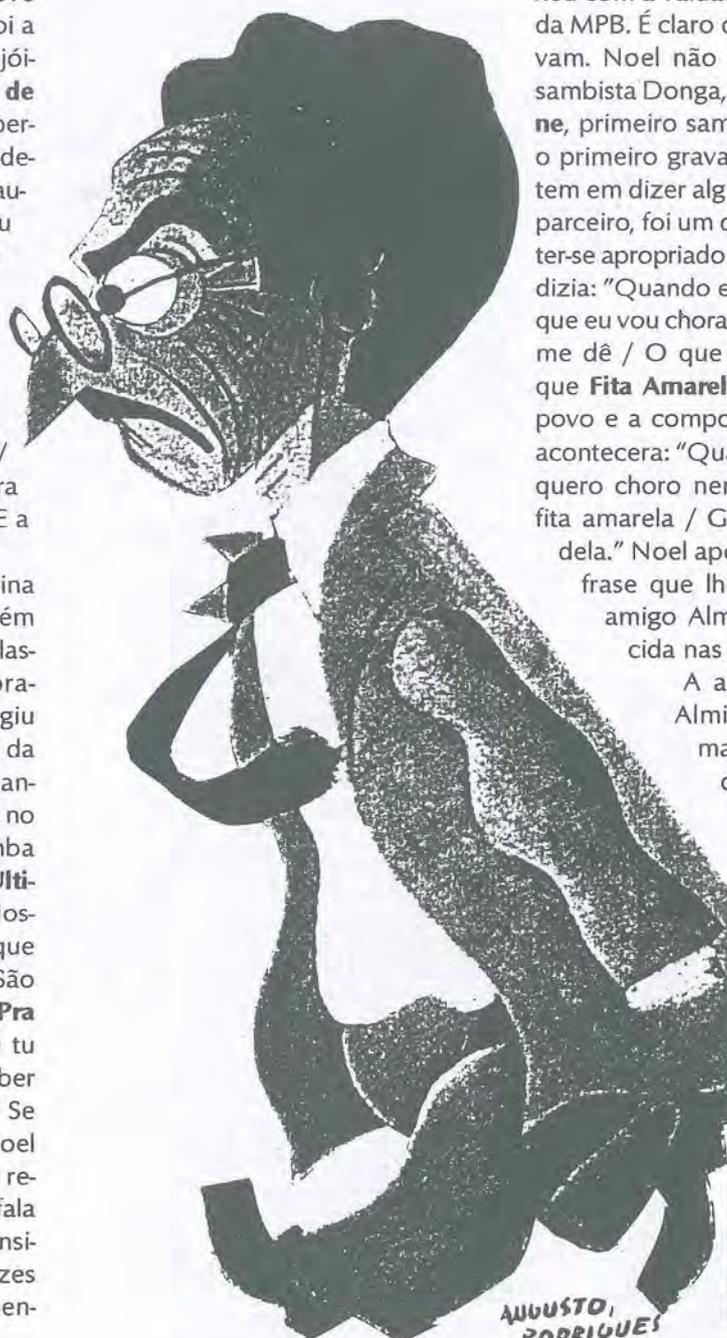
Em 1934 conhece Ceci, dançarina de cabaré à noite e que fazia também bico como modelo da Escola de Belas-Artes. Talvez seu maior enamoramento. Do primeiro encontro surgiu **Dama do Cabaré**: "Foi num cabaré da Lapa / Que eu conheci você / Fumando cigarro / Entornando champanhe no seu soirée." Na verdade um samba evocativo, feito em 1936. O belo **Último Desejo** foi inspirado por ela: "Nosso amor que eu não esqueço / E que teve seu começo / Numa festa de São João." Desabafa seus ciúmes em **Pra que Mentir**: "Pra que mentir / Se tu ainda não tens / Esse dom de saber iludir / Pra que, pra que mentir / Se não há necessidade de me trair." Noel tinha lá suas razões. Mário Lago, recordando num artigo a velha Lapa, fala de seu romance com Ceci, mas insinua que ela vivia dividida: "Às vezes me acarinhava as noites tendo o pen-

samento em Noel." Parece que Noel nunca perdoou. Em 1935 Ceci soube que ele, adoentado, tinha ido procurar melhores ares em Minas. Incógnita, foi a sua casa buscar notícias. Ao voltar, Noel tomou conhecimento da misteriosa visita e criou o **Só Pode Ser Você**: "E pelas informações que recebi / Já vi / Que essa ilustre visita era você / Porque / Não existe nessa vida / Pessoa mais fingida / Do que você."

Quando morreu tinha ao lado a esposa conformada e solidária, apesar dos desencantos e desencontros por

que passara na convivência com ele. O arrependimento tardio: "Eu nunca quis fazer você sofrer..." Que Noel foi um criador especial ninguém nega. E que se tornou uma lenda. Isso ficou evidenciado quando da excelente publicação **Noel Rosa, uma biografia**, escrita por João Máximo e Carlos Didier cinquenta anos após sua morte e que foi sucesso de vendas. Desfrutou de muito prestígio em sua época, era um artista respeitado. Após sua morte, inexplicavelmente foi esquecido, até ser resgatado por Aracy de Almeida na década de 50. Sua popularidade mexeu com a vaidade de muitos figurões da MPB. É claro que mordiam e sopravam. Noel não era um qualquer. O sambista Donga, autor do **Pelo Telefone**, primeiro samba de sucesso e não o primeiro gravado como ainda insistem em dizer alguns historiadores, seu parceiro, foi um deles. Acusou Noel de ter-se apropriado de um samba seu que dizia: "Quando eu morrer / não pense que eu vou chorar / vou procurar quem me dê / O que você não me dá". É que **Fita Amarela** estava na boca do povo e a composição de Donga não acontecera: "Quando eu morrer / Não quero choro nem vela / Quero uma fita amarela / Gravada com o nome dela." Noel apenas aproveitara uma frase que lhe fora sugerida pelo amigo Almirante, muito conhecida nas rodas de sambistas.

A acusação abespinhou Almirante, cultivador do maior arquivo de música popular, que bombardeou Donga, afir-



Apesar da inveja que Ary Barroso tinha de Noel, o compositor de "Aquarela do Brasil" dizia que Noel criou "uma escola de poesia para o samba"

mando que ele, sim, havia metido a mão no **Pelo Telefone**. Em 1933, mesmo ano do lançamento de **Fita Amarela**, antes do sucesso, é claro, Donga mimoseava Noel: "Há aqui na cidade um moço que pode desbancar muita gente: Noel Rosa. Todas as suas produções são recebidas com muito agrado." Chamou-o até de "menino de ouro". Muitos anos depois atacava: "Noel não entendia de samba coisa nenhuma. Nada. Nem tocar nem coisa nenhuma!"

Ary Barroso foi outro. Após a morte de Noel escreveu um artigo onde desmerecia o autor: "Sei que muita gente (por ignorância ou esnobismo) vai discordar de mim. Irão me chamar de despeitado, invejoso, cruel, mentiroso, etc. Noel como melodista, às vezes tinha sorte. Como cantor, mau. Como violonista, o suficiente para se fazer entender." Cantava mal? Passo a defesa a Ary Vasconcelos, um dos maiores estudiosos de nossa música popular. "A verdade é que se impõe a revisão de Noel como intérprete. Como Mário Reis, ele foi um dos primeiros a perceber que o principal era dizer bem. Descontraído, sabia, como ninguém, dar o recado implícito da melodia, explícito da letra. Era uma voz despojada, que só hoje estamos preparados para apreciar devidamente. Foi preciso que viessem João Gilberto e Chico Buarque para que fôssemos capazes de entender e estimar Noel-cantor". Da crítica a Noel como melodista falaremos mais adiante. Ora, qualquer pessoa medianamente informada sobre a história de nosso cancioneiro sabe que Ary Barroso foi um homem vaidoso, amargo, agressivo. Lançava exocets verbais gratuitamente. No começo dos anos 60 respondeu assim a uma pergunta de Paulo Gracindo num programa de TV: "A sua vaidade, Ary, suportaria o choque de saber que você tem somente cinco músicas realmente boas ou você acha mesmo que todas as suas composições são obras-primas?" Resposta de Ary: "Eu acho que todas as minhas composições são obras-primas, porque eu tenho um crivo íntimo pelo qual passam todas as minhas músicas. Eu nunca ofe-

reço ao público um bagulho. Aracy de Almeida falava dele: "Gosta de ser paparicado e de pixar os amigos". Os comentários que fez sobre Noel confirmam isso. Este o considerava um dos maiores compositores e foram até parceiros. Almirante em carta me disse: "Ary tinha inveja do valor de Noel". No mesmo artigo, mais adiante, Ary afaça: "Noel letrista, coisa rara. Seu estilo nunca foi superado. Criou uma escola de poesia para o samba." Ary sentou sobre o próprio rabo, pois, se foi um musicista inspirado, como letrista brilhou poucas vezes. Alguns exemplos: a marcha **Pica-pau**: "Olha o pica-pau/Picando o pau lá no jardim / O meu coração é um pica-pau / E não se cansa de bater / E de sofrer." Ou a valsa **Quero Dizer-te Adeus**: "Quero dizer-te assim / Sem atribulações / Pra que longe de mim / Não tenha ilusões / O nosso amor morreu / E o culpado fui eu." Rimas indigentes em **Bahia Imortal**: "Bahia que nasceu / Cresceu forte e varonil / Terra que foi o berço do Brasil". Noel nunca escreveria coisas tão pobres. Foi Ary quem discursou à beira do túmulo do Poeta da Vila: "Noel, meu amigo! Seu retrato saiu

ontem num jornal dizendo que *Noel Rosa não morreu*. Foi uma profecia. Você estava com os olhos abertos, mas hoje continua para todos nós com os olhos abertos e mais vivos ainda, porque a morte destrói o corpo, mas tem a grande ventura de construir a imortalidade. E você a merece porque era grande; pequenino era assombro, sendo modesto era inexcusável. Pode ir, Noel, é o nosso destino. Mas vai com essa grande satisfação de ter deixado na Terra somente amigos, somente admiradores, somente colegas. Adeus!" Outro personagem que contestou Noel entra na história do mesmo jeito que Ary e Donga, beliscando e alisando: David Nasser. Jornalista de enorme prestígio na época áurea da revista **O Cruzeiro**. Panfletista, contundente e polêmico. Escrevia bem e fácil. São suas frases como: "Cultivo ódios eternos. Não sei perdoar." "Meus amigos não têm defeitos. Meus inimigos se não tiverem, eu invento." Competente, mas fantasioso. Uma de suas mais

*Cartola, Aaulfo,
Wilson Batista e Noel
deram um toque
poético à música popular
brasileira.*

*Até hoje os novos
compositores
se espelham neles*



marcantes reportagens foi o primeiro contato jornalístico com os índios xavantes que tentaram flechar o avião.

Só que não estava lá quando tudo aconteceu. Fez andanças pela MPB onde foi letrista de sucesso como em **Confete, Pensando em Ti, Carlos Gardel, Nega do Cabelo Duro, Canta, Brasil**, etc. Foi também biógrafo de Francisco Alves e Carmem Miranda.

Tudo sempre recheado de teatralidade e imaginação. Alguns

exemplos: conta que assistiu

Aracy de Almeida sugerir

a Wilson Batista a

feitura de **Amélia** e

o desinteresse:

"Wilson não ligou

para o tema, po-

rém naquele ins-

tante vi duas an-

tenas negras se

erguerem. Eram

as orelhas de

Ataulfo, que

saiu dali e foi

procurar Mário

Lago e pediu-

lhe que fizesse

os versos de

Amélia. Não há

nenhum registro

de sua presença

no evento. Relata

também que assistiu

Mr. Evans, chefe da

RCA, insistir em gra-

var **Aquarela do Bra-**

sil com regional e

não orquestrado. E

Ary recusar ao tele-

fone e Aracy de

Almeida, também

presente (estava inte-

ressada na música),

reagir indignada

com palavrões.

Esse fato nunca

foi citado nas

várias biografias de Ary. Sérgio Cabral, em sua excelente obra sobre Ary, relata "uma versão totalmente maluca" de David a respeito de um concurso de música popular, onde este dizia ter derrotado **Aquarela do Brasil**. Realmente o concurso existiu e as duas músicas que David inscreveu não obtiveram colocação. **Aquarela**, por sua vez, foi desclassificada por Villa-Lobos, presidente do júri, argumentando que "carnaval não era festa para manifestações patrióticas ou de civismo".

David falou muito em Noel. Pareciam íntimos, só que quando estive na casa de Noel, no dia de sua morte, ninguém o viu. No seu livro **Parceiro da Glória** chega a ser deselegante com o colega: "Uma das maiores mentiras musicais é chamar Noel Rosa o sambista perfeito. O poeta dos bairros e da alma carioca antecipou-se à parte literária do samba, mas não quanto à parte musical. Noel Rosa, se nos ouve de onde está, sabe que o considerávamos um dos menos inspirados e dos mais vulgares compositores de melodias. A circunstância de ter morrido não quer dizer que ele, por isso mesmo, receba elogios que não merece. As melodias são inexpressivas". Diante do fogo cerrado dos "mui amigos" de Noel, só me resta mesmo, sem procuração celeste, defendê-lo listando brilhantes composições suas onde criou letra e música: **Até Amanhã, Cansei de Pedir, Não Tem Tradução, Com que Roupas, Dama do Cabaré, Cor de Cinza, Eu Sei Sofrer, Fita Amarela, Gago Apaixonado, Só Pode Ser Você, João Ninguém, Quem Dá Mais, Palpite Infeliz, Quando o Samba Acabou, Silêncio de Um Minuto, O X do Problema, Três Apitos, Último Desejo**.

Renato Vivacqua é historiador da Música Popular Brasileira.

Noel Rosa morreu há sessenta anos, corroído pela tuberculose, que certamente o levou mais cedo devido à boemia, madrugada adentro

HAMLET



No divã de Freud

□ Marcos Chedid Abel

Édipo:

Enigmas!

Sempre enigmas!

Tirésias:

**Então não és
aquele que decifra
qualquer enigma?'**

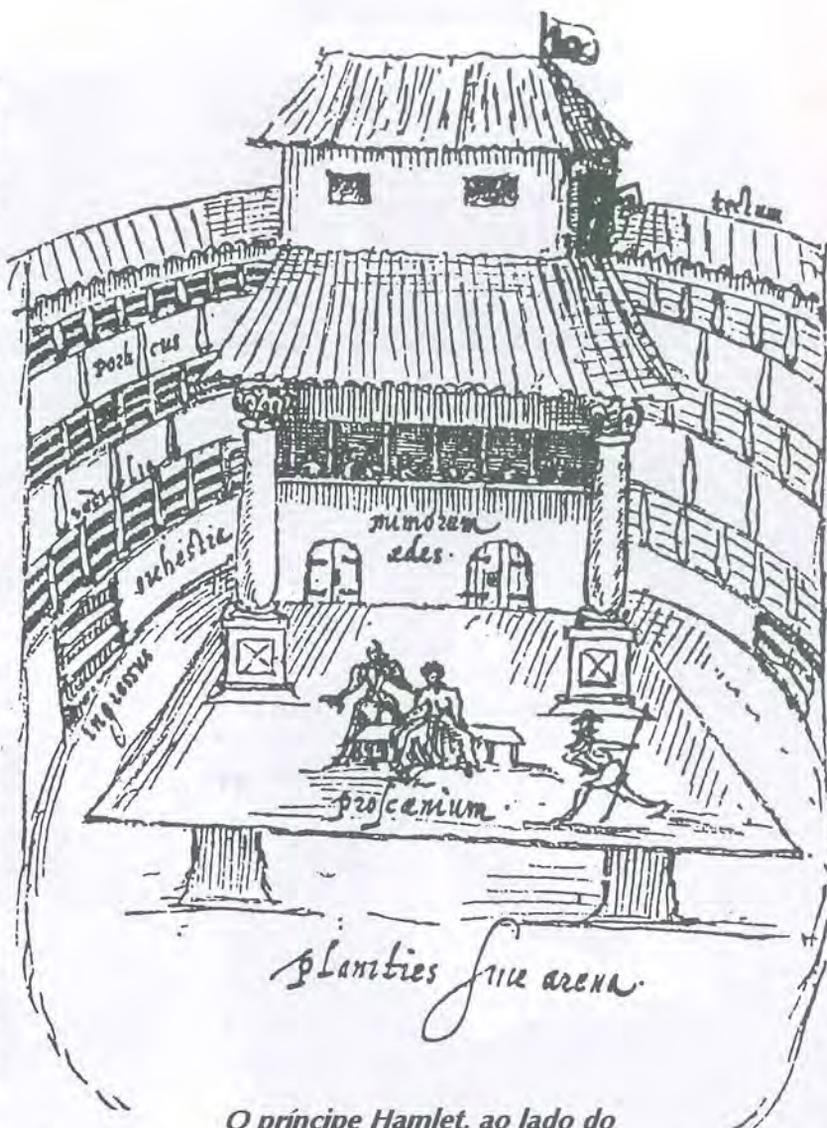
O objeto deste artigo é a notória tragédia de autoria de William Shakespeare, Hamlet, o príncipe da Dinamarca, e as construções psicanalíticas que este provocou em Sigmund Freud. Abrimos, citando acima Édipo, visto ser a este que Freud, reiteradamente, se referenciará, quando da(s) análise(s) de Hamlet.

No campo da psicanálise, outras abordagens a Hamlet foram empre-

endidas, dentre as quais destacamos a do contemporâneo, colaborador e biógrafo de Freud, Ernest Jones, Hamlet e o complexo de Édipo²; na França, Jacques Lacan, que em seu seminário de 1958/59, intitulado O desejo e sua interpretação, tratou do tema hamletiano (do qual um excerto foi publicado no Brasil como Hamlet por Lacan³); no Chile, de Felipe Pimstein, Hamlet - anatomia de la ambigüedad⁴, em que o autor considera que o diagnóstico de 'abulia específica' não resolve a antinomia hamletiana e opina que Hamlet sofre de melancolia, evidentemente orientado pela abordagem de Melanie Klein; e, no

Brasil, o livro de Eustachio e Clara Helena Portella Nunes, Freud e Shakespeare⁵, onde, entre muitos dos personagens de Shakespeare, também trabalham Hamlet em uma perspectiva freudiana; e o de Hórus Vital Brasil, que, também, em seu Dois ensaios entre psicanálise e literatura⁶, realiza uma análise de Hamlet de um ponto de vista psicanalítico.

Em nossas pesquisas bibliográficas, para este trabalho, também nos defrontamos com as obras de M. A. A. J. A. Waldock, Hamlet - a study in a critical method⁷, para quem "a play is not a mine of secret motives"⁸, e a hesitação em Hamlet é devida ao fato de que Hamlet "fears that if he murders his uncle it may be, deep in his heart, for his own ends. So,



O príncipe Hamlet, ao lado do rei Édipo e dos irmãos Karamassovi são os personagens da literatura que mais importância têm, com respeito à concepção edípica, na obra freudiana

he delays."⁹; de Dyson Wood, Hamlet from a psychological point of view¹⁰, onde o autor considera que o conflito em Hamlet é devido a uma juvenil e passageira "reflective indecision"¹¹; de Margarita Quijano, Hamlet y sus críticos¹², onde a autora decide que a indecisão de Hamlet em cumprir o mandato de seu pai "no es uno de los temas de la obra"¹³; e a interessante e enciclopédica compilação realizada por Claude Williamson, Readings on the character of Hamlet¹⁴, na qual são

reunidos mais de trezentos textos críticos, dos mais diversos autores, sobre Hamlet, que abrangem o período de 1661 a 1947.

Pensamos que o príncipe Hamlet, ao lado do rei Édipo e dos irmãos Karamassovi (não incluindo Fausto, por este estar referido a outras questões), são os personagens da literatura que mais importância têm, com respeito à concepção edípica, na obra freudiana; pois como o próprio Freud aprecia:

"Dificilmente pode dever-se ao acaso que três das obras-primas da literatura de todos os tempos — Édipo

Rei, de Sófocles; Hamlet, de Shakespeare; e os Irmãos Karamassovi, de Dostoievski — tratem todas do mesmo assunto, o parricídio. Em todas três, ademais, o motivo para a ação, a rivalidade sexual por uma mulher, é posto a nu"¹⁵

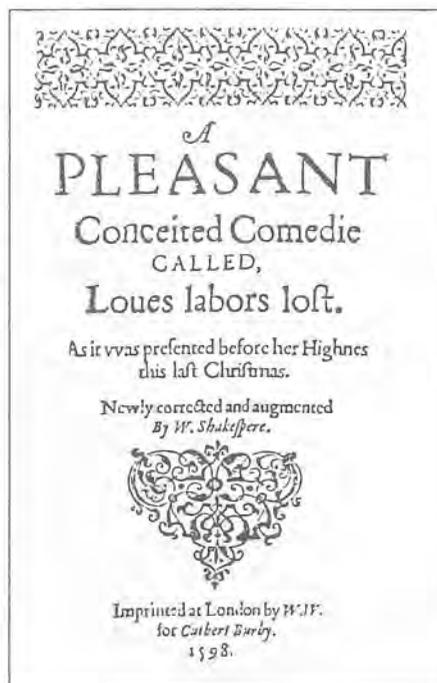
Neste trabalho, em função da invasão da teoria psicanalítica nas mais variadas áreas de produções humanas, buscaremos ver o alcance possível da chamada 'psicanálise aplicada', da 'psicanálise em extensão', ver até onde é possível se ir com a análise psicanalítica de uma obra literária. Pois, como Freud coloca, "desde a época em que foi escrita A interpretação de sonhos, a psicanálise deixou de ser um assunto puramente médico."¹⁶

A primeira referência que temos de Freud a Hamlet, em um contexto teórico, é encontrada em uma carta, de 15 de outubro de 1897, endereçada a Fliess. Nesse momento Freud está em plena 'auto-análise' (com Fliess no lugar do analista), e, em meio a miríade de idéias que estavam a lhe surgir, diz a este que "um único pensamento de valor genérico revelou-se"¹⁸, pensamento este que diz respeito ao posteriormente denominado — logo após suas conferências nos Estados Unidos na Clark University, quando é então chamado por "complexo nuclear de cada neurose", por "complexo central" e por "complexo do incesto"¹⁹ — como "complexo de Édipo"²⁰. Freud, na carta citada, coloca que: "descobri, também em meu próprio caso, [o fenômeno de] me apaixonar por mamãe e ter ciúmes de papai, e agora o considero um acontecimento universal do início da infância."²¹

Esse pensamento referente à questão edípica já havia se esboçado, cinco meses antes, em um rascunho anexo a uma outra carta endereçada também a Fliess em 31 de maio de 1897, quando Freud aponta "sobre os impulsos hostis contra os pais (o desejo de que morram)"²², colocando que, "ao que parece, é como se esse desejo de morte se voltasse, nos filhos, contra o pai e, nas filhas, contra a mãe."²³

Vemos que essas idéias quanto ao desejo de morte parental precederam a queda da sedução criminal como fator etiológico específico da histeria²⁴, como enunciada na carta, quatro meses após, em 21 de setembro de 1897, na qual Freud diz a Fliess que "não acredito mais em minha neurótica"²⁵. Mas a correlação dessas idéias com *Oedipus Rex* e com Hamlet, como dissemos no início, surge menos de um mês depois, na carta de 15 de outubro de 1897. Quanto ao fascínio, ao poder de atração da tragédia de Édipo, coloca Freud que "...a lenda grega capta uma compulsão que todos reconhecem, pois cada um pressente sua existência em si mesmo. Cada pessoa da platéia foi, um dia, um Édipo em potencial na fantasia, e cada uma recua, horrorizada, diante da realização de sonho ali transplantada para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do estado atual."²⁶

...o conflito em Hamlet está tão eficazmente oculto que coube a mim desenterrá-lo.¹⁷



Essa compulsão que todos reconhecem na tragédia do destino de Édipo, Freud também a vislumbra no destino, não menos trágico, de Hamlet. Como diz Freud: "A partir da compreensão dessa tragédia do destino só restava um passo para compreender uma tragédia de caráter - Hamlet, objeto de admiração por trezentos anos, sem que seu significado tivesse sido descoberto ou os motivos de seu autor adivinhados."²⁷

Pensa então Freud que um acontecimento real na vida de Shakespeare o tenha impulsionado a representá-lo em Hamlet. A questão da hesitação em Hamlet em vingar o assassinato de seu pai, perpetrado pelo irmão deste, se constitui para Freud como passível de receber uma explicação, a partir da teoria psicanalítica. Freud considera que a hesitação de Hamlet quanto a esta tarefa — ao ser contraposta a sua ausência de escrúpulos, ao mandar

seus cortesãos à morte, ao matar Polônio, e ao lançar-se a um embate mortal com Laertes — só poderia ser explicada pela "obscura lembrança de que ele próprio havia contemplado praticar a mesma ação contra o pai, por paixão pela mãe"²⁸. A hesitação de Hamlet é devida ao seu sentimento inconsciente de culpa, que Freud encontra na fala de Hamlet a Polônio no Ato II, Cena II: "Use every man after his desert, and who should escape whipping?"²⁹, traduzido por "se tratarmos as pessoas como merecem, nenhuma escapa ao chicote."³⁰

Segundo o diagnóstico de Freud, Hamlet seria um histérico, e isso se evidenciaria em "sua alienação sexual, no diálogo com Ofélia"³¹. Este diálogo, o qual não é explicitamente indicado por Freud, pensamos ser este, do Ato III, Cena I, que segue.

Hamlet: Get thee to a nunnery; why wouldst thou be a breeder of sinners? I am myself indifferent honest; but yet I could accuse me of such things that it were better my mother had not borne me. I am very proud, revengeful, ambitious; with more offences at my beck than I have thoughts to put them in, imagination to give them shape, or time to act them in. What should such fellows as I do crawling between heaven and earth? We are arrant knaves, all; believe none of us. Go thy ways to a nunnery. Where's your father?

Ophelia: At home, my lord.

Hamlet: Let the doors be shut upon him, that he may play the fool nowhere but in's own house. Farewell.

Ophelia: O, help him, you sweet heavens!

Hamlet: If thou dost marry, I'll give thee this plague for thy dowry: be thou as chaste as ice, as pure as snow, thou shalt not escape calumny. Get thee to a nunnery, go; farewell. Or, if thou wilt needs marry, marry a fool; for wise men know well enough what monsters you make of them. To a nunnery, go; and quickly too. Farewell.

Ophelia: O heavenly powers, restore him!

Hamlet: I have heard of your paintings too, well enough; God hath given you one face, and you make yourselves another: you jig, you amble, and you lisp, and nickname God's creatures, and make your wantonness

*your ignorance. Go to, I'll no more on't; it hath made me mad. I say, we will have no more marriages; those that are married already, all but one, shall live; the rest shall keep as they are. To a nunnery, go. [Exit.]*³²

Traduzido da forma seguinte:

Hamlet: Vai prum convento. Ou preferes ser geratriz de pecadores? Eu também sou razoavelmente virtuoso. Ainda assim, posso acusar a mim mesmo de tais coisas que talvez fosse melhor minha mãe não me ter dado à luz. Sou arrogante, vingativo, ambicioso; com mais crimes na consciência do que pensamentos para concebê-los, imaginação para desenvolvê-los, tempo para executá-los. Que fazem indivíduos como eu rastejando entre o céu e a terra? Somos todos rematados canalhas, todos! Não acredite em nenhum de nós. Vai, segue pro convento. Onde está teu pai?

Ofélia: Em casa, meu senhor.

Hamlet: Então que todas as portas se fechem sobre ele, pra que fique sendo idiota só em casa. Adeus.

Ofélia: (À parte.) Oh, céu clemente, ajudai-o!

Hamlet: Se você se casar, leva esta praga como dote: embora casta como o gelo, e pura como a neve, não escaparás à calúnia. Vai pro teu convento, vai. Ou, se precisa mesmo casar, casa com um imbecil. Os espertos sabem muito bem em que monstros vocês os transformam. Vai prum conventinho, um bordel: vai — vai de depressa! Adeus.

Ofélia: Ó poderes celestiais, curai-o!

Hamlet: Já ouvi falar também, e muito, de como você se pinta. Deus te deu uma cara e você faz outra. E você ondula, você meneia, você cicia, põe apelidos nas criaturas de Deus, e procura fazer passar por inocência a sua volúpia. Vai embora — chega — foi isso que me enlouqueceu. Afirmo que não haverá mais casamentos. Os que já estão casados continuarão todos vivos — exceto um. Os outros ficam como estão. Prum bordel — vai! (Sai.)³³

Outras indicações da histeria de

Hamlet seriam a transferência do ato assassino do seu pai para o pai de Ofélia, e a sua autopunição no final trágico, sanguinolento e devastador.

Esta mesma linha de construções é encontrada em *A interpretação de sonhos*, quando Freud aborda os chamados 'sonhos típicos', dentre os quais se destacam os 'sonhos sobre a morte de pessoas queridas', quando Freud volta a abordar Édipo, o rei de



A descoberta de Freud dos sentidos da hesitação hamletiana significou para ele como o equivalente a um "ovo de Colombo"

Tebas e Hamlet, o príncipe da Dinamarca.

Sobre o *Oedipus Rex* de Sófocles, Freud tece observações que adjetivaríamos como uma crítica de estética literária, ao colocar, em primeiro plano, a eficácia estética de Édipo, estética no sentido de captação e desenvolvimento de (novos?) processos psíquicos. Freud diz que, para além do plano trágico, no sentido de ser uma tragédia do destino, ou seja, da consecução determinista dos desígnios dos deuses em detrimento da vontade do protagonista, está na peça a existência de um desígnio, uma compulsão, universal na

experiência dos homens: "...o destino nos comove somente porque poderia ser o nosso — porque o oráculo lançou a mesma praga sobre nós antes de nascermos, como sobre ele."³⁴

Essa 'praga', no dizer de Freud, "é o destino de todos nós, talvez, dirigir nosso primeiro impulso sexual no sentido de nossa mãe e o nosso primeiro ódio e nosso primeiro desejo assassino contra nosso pai."³⁵ Sendo assim, a saga de Édipo, assassinando seu pai e casando com sua mãe, é a realização dos desejos infantis humanos, que foram recalçados. O outro aspecto que nos assemelha a Édipo é a ignorância quanto a essas fantasias.

Freud também apresenta uma analogia entre o progressivo desvelamento da verdade de Édipo, no transcórrer da ação da peça, realizado por Sófocles, e o que ocorre em uma psicanálise, onde a proposta é a de um trabalho de desvelamento progressivo da verdade do sujeito.

Mas, retornando a Hamlet, Freud coloca que neste estamos perante as mesmas determinantes que norteiam (ou desnorteiam) Édipo, ou seja, os impulsos incestuosos-parricidas. Só que em Hamlet, em função do avanço do recalque que ocorreu no largo intervalo de tempo que separa as duas produções literárias (pois, para Freud, o avanço da civilização é concomitante a uma amplitude do recalque, ou seja, quanto mais civilização, mais recalque, e, com isso, mais mal-estar na civilização), esses impulsos permanecem recalçados; enquanto, em Édipo, a fantasia infantil é realizada, isto é, Édipo realmente mata o pai e casa-se com a mãe, a tragédia de Hamlet, em função do recalque, se apresenta ao modo de uma neurose; em Hamlet o enigma não recebe resposta, o caráter do herói permanece enigmático.

O traço de caráter que é o sintoma principal em Hamlet é, como já vimos, a sua hesitação em realizar a vingança da morte de seu pai, matando seu tio fraticida que se tornou seu padastro, ao casar-se com sua mãe (esse aspecto do enredo, ou seja, o de que Cláudio esteja no lugar do pai, não é tratado por nenhuma das análises pesquisadas). Freud coloca que, em suas falas, Hamlet não apresenta "quaisquer razões ou

motivos para essas hesitações e uma imensa variedade de tentativas de interpretá-las deixou de produzir qualquer resultado.³⁶ Dentre essas tentativas de interpretação da hesitação de Hamlet, Freud se refere primeiramente à de Goethe, que considera como a predominante em seus dias. Freud coloca que, segundo Goethe, Hamlet “representa o tipo de homem cujo poder de ação direta é paralisado por um desenvolvimento excessivo de seu intelecto”³⁷. A segunda interpretação que é citada por Freud é a que concebe Hamlet como o resultado da tentativa de Shakespeare de “retratar um caráter patologicamente irresoluto, que poderia ser classificado como neurastênico.”³⁸

A essas duas interpretações, Freud contrapõe duas situações que se apresentam no enredo da peça, em que se mostra Hamlet capaz de ação. A primeira dessas situações é quando Hamlet trespassa Polônio com sua espada; a segunda é quando manda os cortesãos Rozencrantz e Guildenstern à morte, que havia sido planejada para ele mesmo, Hamlet.

Para Freud, a razão da hesitação de Hamlet em vingar seu pai continua sendo o fato de seu tio ter realizado uma ação que havia sido desejada pelo próprio Hamlet quando de sua infância. Com isso, o ódio sentido pelo tio-padrasto é “substituído por auto-recriminações, por escrúpulos de consciência, que o fazem lembrar que ele próprio, literalmente, não é melhor que o peccador que deve punir.”³⁹

Freud diz que esta construção psicanalítica é uma tradução em termos conscientes do que “se destinava a permanecer inconsciente na mente de Hamlet”⁴⁰, e reitera o diagnóstico, que já havia sido proferido na carta de 15 de outubro de 1897, de histeria, evocando a cena de Hamlet com Ofélia, que pensamos ser a apresentada acima, em que Freud percebe um “desagrado pela sexualidade”⁴¹.

Freud, seguindo sua análise, busca escutar, através das falas de Hamlet, Shakespeare. Atribui a este essa mesma aversão pela sexualidade encontrada em

Hamlet, aversão esta que se apresentaria crescente no transcórre da sua obra e que teria alcançado o seu clímax em *Tímon de Atenas*. Freud se debruça sobre a biografia de Shakespeare (quando ainda não questionava a sua autoria e mesmo a sua existência), e passa a fazer considerações, correlações entre os eventos da sua vida e os resultados na sua obra. Freud assinala que *Hamlet* foi escrito logo após a morte do pai do poeta (1601), e deduz disso que o momento da criação de *Hamlet* foi subsequente ao tempo em que Shakespeare estava a reviver os seus sentimentos, suas fantasias infantis quanto ao seu pai. Freud também correlaciona o nome do herói, Hamlet, com o nome do filho de Shakespeare, Hamnet, que teria morrido precocemente. Em ambos os casos, temos implicações advindas das relações entre pais e filhos, e Freud observa também que, em *Macbeth*, escrita no mesmo período (1605-1606), encontra-se o tema da “falta de filhos”.⁴²

Freud conclui esta análise de Hamlet, alegando que do mesmo modo que os sintomas neuróticos e os

**... A saga de Édipo,
assassinando seu pai e casando
com sua mãe, é a realização dos
desejos infantis humanos, que
foram recalçados**



sonhos, as obras dos escritores verdadeiramente criativos possibilitam ‘superinterpretações’, ou seja, todos esses fenômenos são produções de mais de um impulso na mente (tanto na do poeta, quanto na do neurótico comum), e “estão abertos a mais de uma interpretação isolada”⁴³. Mas, apesar dessas circunstâncias, Freud diz que apenas tentou “interpretar a camada mais profunda dos impulsos na mente do criativo escritor”⁴⁴, ou seja, a interpretação de Freud, imodestamente, é mais profunda que a interpretação de seus antecessores.

Mas, posteriormente, Freud vem a desacreditar da autoria de Shakespeare, e passa a supor que o nome William Shakespeare é um pseudônimo usado por um Conde de Oxford chamado Edward de Vere; mas este último também teria sofrido um ‘trauma hamletiano’, ou seja, teria perdido “um pai amado e admirado quando ainda era menino e repudiou completamente a mãe, que contraiu um novo casamento logo depois da morte do marido.”⁴⁵

Porém, independentemente de questões sobre autoria, para Freud, “...a análise confirma tudo o que a lenda descreve. Mostra que cada um desses neuróticos também tem sido um Édipo, ou, o que vem a dar no mesmo, como reação ao complexo, tornou-se um Hamlet.”⁴⁶

O que podemos concluir no momento é que a importância de Hamlet, no contexto psicanalítico freudiano, não é de pouca monta; a decifração do enigma de Hamlet, a ‘descoberta’ de Freud dos sentidos da hesitação hamletiana, significou para ele como o equivalente a um ‘ovo de Colombo’ no campo da literatura; uma angústia de três séculos foi enfim dissolvida por Freud através da teoria psicanalítica — segundo ele mesmo. Enfim a sofrida hesitação de Hamlet recebeu um sentido plausível. Como Freud diz: “...tenho acompanhado de perto a literatura psicanalítica e aceito sua pretensão de que somente depois de ter tido o material da tragédia sua origem remontada pela psicanálise ao tema edípiano é que o mistério de seu efeito foi por fim explicado.”⁴⁷

Referências Bibliográficas

- 1 SÓFOCLES et alii. *Édipo Rei; Prometeu acorrentado; Medéia*. São Paulo, Abril, 1980. p.80.
- 2 JONES, Ernest. *Hamlet e o complexo de Édipo*. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.
- 3 LACAN, Jacques. *Hamlet por Lacan*. Campinas, Escuta-Liubliú, 1986.
- 4 PIMSTEIN, Felipe. *Hamlet - anatomia de la ambigüedad*. Santiago-Chile, Editorial Universitária, 1972.
- 5 PORTELLA NUNES, Eustachio & Clara Helena. *Freud e Shakespeare*. Rio de Janeiro, Imago, 1989.
- 6 VITAL BRASIL, Hórus. *Dois ensaios entre psicanálise e literatura*. Rio de Janeiro, Imago, 1992.
- 7 WALDOCK, M. A. A. J. A. *Hamlet - a study in critical method*. Cambridge, University Press, 1931.
- 8 *Idem, ibidem*, p. 98.
- 9 *Idem, ibidem*, p. 98.
- 10 WOOD, W. Dyson. *Hamlet from a psychological point of view*. London, Longmans Green Reader and Dyer, 1870.
- 11 *Idem, ibidem*, p.26.
- 12 QUIJANO, Margarita. *Hamlet y sus criticos*. México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1962.
- 13 *Idem, ibidem*, p. 18.
- 14 WILLIAMSON, Claude. *Readings on the character of Hamlet*. London, George Allen & Unwin Ltd, 1950.
- 15 FREUD, Sigmund. Dostoiévsk e o parricídio (1928[1927]). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Volume XXI. Rio de Janeiro, Imago, 1974. p. 217.
- 16 FREUD, Sigmund. Um estudo autobiográfico (1925[1924]). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Volume XX. Rio de Janeiro, Imago, 1976. p. 78.
- 17 FREUD, Sigmund. Tipos psicopáticos no palco (1905[1906]). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Volume VII. Rio de Janeiro, Imago, 1972. p. 326.
- 18 FREUD, Sigmund. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*. Editado por Jeffrey Masson. Rio de Janeiro, Imago, 1986. p. 273.
- 19 FREUD, Sigmund. Cinco lições de psicanálise (1910A). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Volume XI. Rio de Janeiro, Imago, 1970. p. 44.
- 20 FREUD, Sigmund. Um tipo especial de



Freud passa a supor que o nome William Shakespeare é um pseudônimo usado por um Conde de Oxford chamado Edward de Vere

escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à psicologia do amor I) (1910B). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Volume XI. Rio de Janeiro, Imago, 1970. p. 154.

- 21 FREUD, Sigmund. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*. Editado por Jeffrey Masson. Rio de Janeiro, Imago, 1986. p. 273.
- 22 *Idem, ibidem*, p. 251.
- 23 *Idem, ibidem*, p. 251.
- 24 Idéia esta que voltou a ser sensacionalisticamente defendida em nossos dias por Jeffrey Masson (MASSON, Jeffrey. *Atentado à verdade - a supressão da teoria da sedução por Freud*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1984).
- 25 FREUD, Sigmund. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*. Editado por Jeffrey Masson. Rio de Janeiro, Imago,

1986. p. 265.
- 26 *Idem, ibidem*, p. 273.
- 27 FREUD, Sigmund. Um estudo autobiográfico (1925[1924]). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Volume XX. Rio de Janeiro, Imago, 1976. p. 79.
- 28 FREUD, Sigmund. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*. Editado por Jeffrey Masson. Rio de Janeiro, Imago, 1986. p. 273.
- 29 SHAKESPEARE, William. *Hamlet - Prince of Denmark*. USA, The Macmillan Company, 1946. p. 77.
- 30 SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Trad. de Millôr Fernandes. Porto Alegre, L&PM, 1991. p. 81.
- 31 FREUD, Sigmund. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*. Editado por Jeffrey Masson. Rio de Janeiro, Imago, 1986. p. 274.
- 32 SHAKESPEARE, William. *Hamlet - Prince of Denmark*. USA, The Macmillan Company, 1946. p. 86.
- 33 SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Trad. de Millôr Fernandes. Porto Alegre, L&PM, 1991. p. 90.
- 34 FREUD, Sigmund. A interpretação de sonhos (1900). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Volume IV. Rio de Janeiro, Imago, 1972. p. 278.
- 35 *Idem, ibidem*, p. 278.
- 36 *Idem, ibidem*, p. 280.
- 37 *Idem, ibidem*, p. 280.
- 38 *Idem, ibidem*, p. 281.
- 39 *Idem, ibidem*, p. 281.
- 40 *Idem, ibidem*, p. 281.
- 41 *Idem, ibidem*, p. 281.
- 42 *Idem, ibidem*, p. 281.
- 43 *Idem, ibidem*, p. 282.
- 44 *Idem, ibidem*, p. 282.
- 45 FREUD, Sigmund. Esboço de psicanálise (1940[1938]). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Volume XXIII. Rio de Janeiro, Imago, 1975. p. 221.
- 46 FREUD, Sigmund. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1916-1917[1915-1917]). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Volume XVI. Rio de Janeiro, Imago, 1976. p. 392.
- 47 FREUD, Sigmund. O Moisés de Michelangelo (1914). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Volume XIII. Rio de Janeiro, Imago, s.d. p. 254.



Um pouco mais de 200 anos de história foram organizados em dez anos de trabalho. Parece muito, mas foi o tempo necessário para o historiador Paulo Bertran conseguir reunir todo o vasto material que remonta a história de Goiás por um período de 60 anos, desde o início da colonização até o ano de 1783.

Assim nasceu **Notícia Geral da Capitania de Goiás**. O livro foi dividido em dois tomos (unidade ideológica de uma obra, descrita pelo autor). No primeiro, o leitor mergulha em cenário surpreendente de um tempo voltado para as lavras de ouro e mineração goiana. No segundo, que é como um grande anexo ao primeiro, Bertran expõe as cartas escritas por grandes personalidades da época, como o oitavo avô do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Bertran pensou em organizar o livro quando fazia pesquisas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e por lá encontrou um material sobre Goiás. "Percebi o enorme valor que esse material tinha e também vi que era a primeira história e primeira geografia escrita sobre Goiás", conta.

A história de Goiás

contada em livro

Três anos mais tarde, o historiador estava em Portugal e achou complementos do material encontrado na biblioteca, ou seja, eram registros dos acontecimentos daqueles 60 anos em Goiás, "um esforço de reportagem até 1783", como define o autor. Este material foi encontrado no Arquivo Ultramarino de Lisboa e encaixou-

se perfeitamente ao que Bertran já havia colhido.

Este é o quinto livro do autor, que nasceu em Anápolis (GO) e lá viveu por 24 anos. "Agora estou em Brasília também há 24 anos", destaca. Só para editar os dois tomos de **Notícia Geral da Capitania de Goiás**, o autor conta que levou um ano. "Foi tudo feito no computador".

Os dois tomos que contam a primeira história do Brasil-Central, inédita há duzentos anos, tem ainda ilustrações de manuscritos da época, todos transcritos por Bertran no segundo tomo. E mais: fotos, ou melhor, uma reflexão fotográfica feita por Rui Faquini, amigo de Bertran há quase 20 anos e exímio documentarista.

(Correio Braziliense de 25/6/97/Caderno Dois)

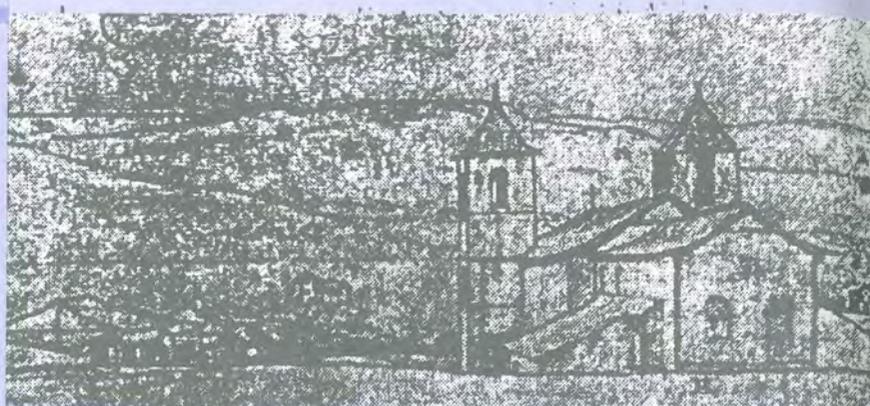
Autor



Paulo Bertran



Paulo Bertran Wirth Chaibub nasceu em Anápolis, Goiás, em 1948. Foi professor de Economia e História nas principais universidades de Goiânia e Brasília, tendo atuado também em jornais das duas capitais. Tem diversos livros e ensaios publicados e criou a revista literária DF Letras, em Brasília. Diretor-Geral do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil-Central, da Sociedade Goiana de Cultura. Professor da Universidade Católica de Goiás. Membro da Academia Brasiliense de Letras, da Academia de Letras e Artes do Planalto, da Academia Pirenopolina de Letras e da Academia Paulistana de História. Sócio dos Institutos Históricos e Geográficos de Goiás, do Distrito Federal e de São Paulo.



Preziosidade Mental

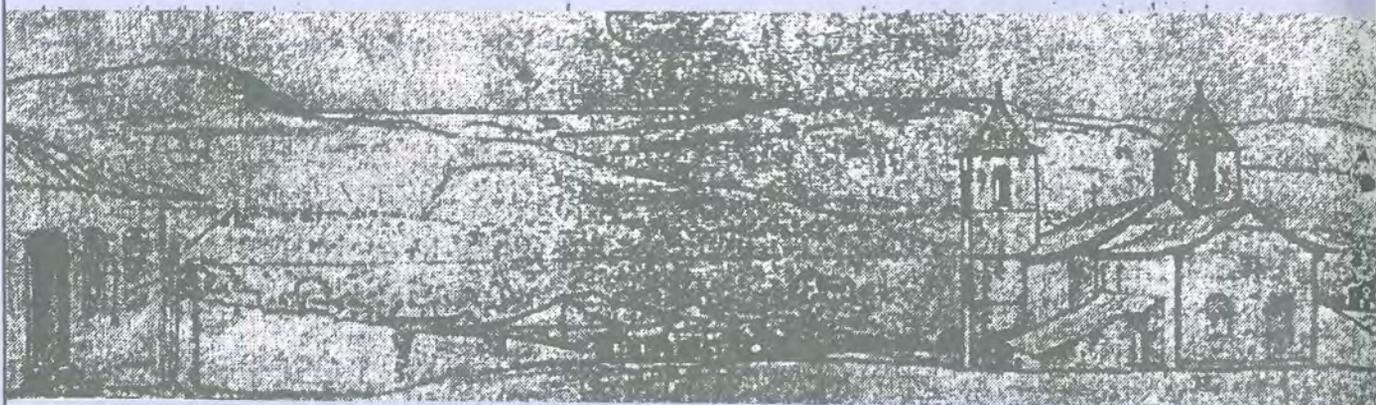
...esa". Nem tudo foi cumprido, mas muito foi feito. Mais: a maior parte foi refeita pelas mãos conscientes do arquivista metódico.

Para entender o contexto que gerou a previsão Régia determinadora da futura **Notícia Geral da Capitania de Goiás**, é necessário passar um pouco pelo retorno da aristocracia lusitana ao poder, a chamada "Viradeira". A primeira metade do século XVIII foi marcada, entre nós, por alguns dos mais longos reinados lusitanos, bafejado em terra d'álem-mar. O governo de D. João V, em sua longa duração, foi um dos mais ricos da história lusa, fruto, em parte, do ouro brasileiro. O governante luso era, porém, popular. Uma quadrinha da época assim o expressava: "*Nós tivemos cinco reis / todos chamados Joãoes / e quatro valem milhões / o quinto nem vale cinco réis*". Rima que seria retomada por Oswald de Andrade na *Semana de 22*, era pilhéria da gastança lusitana na boca do povo. O reinado de D. João V foi marcado por gastos suntuários, oriundos das riquezas das minas coloniais que resolviam momentaneamente a difícil crise financeira, a França nefasta do reinado de Pedro II (1667-1706). A segunda metade do século XVIII fez com que o "bem governar" fosse tônica das atividades administrativas nos momentos desgovernáveis do "despotismo espartano" que empregava, no lugar da ordem divina, a racionalidade, cuja tradução mais exata para o Brasil estava na ditadura de Pombal. No conselheiro de Pombal tivemos a ascensão da burguesia ao aparelho de Estado e um nacionalismo pan-

lusitano, no bojo da monarquia absolutista de D. José I, austera e sanguinária. Após a era Pombal, deu-se o retorno da aristocracia ao poder (a mesma desalojada pelo Marquês), batizada de "Viradeira", com D. Maria I no poder ainda sã. Em Goiás tínhamos a presença de Luís da Cunha Menezes, o "Fanfarrão Minésio", referência das cartas chilenas de Tomás Antônio Gonzaga aos desmandos e loucuras do representante da Viradeira por terras de Goiás e Minas.

Seguindo estes passos, entre histórias e rastros de fontes, entre o cumprimento disperso da Previsão Régia e o conjunto de documentos que passam a compor a **Notícia Geral**, temos a aventura bertraniana. Garimpeiro de todas as fontes, bandeirante dos documentos perdidos, do ouro de ontem e dos caminhos de hoje, Bertran foi montando a **Notícia Geral da Capitania de Goiás** pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, pelo Arquivo Nacional, pelo Instituto Histórico, até o Arquivo Ultramarino de Lisboa, depositário de parcela de nossa memória luso-goiana, entre tantos outros lugares, entre outras tantas pesquisas. De rigorosa montagem e adequações de linguagem necessárias, Bertran nos brinda e confessa em sua excelente introdução que "*com seus erros e inconfidências é a fonte primeira em que se abeberou toda a posterior historiografia goiana. E que ainda fornecerá muita água para o futuro. A primeira história. O sonho do historiador: primeira e inédita*".

A **Notícia Geral** nos remete ao tempo da mineração. 1783 é o ano do reconhecimento pela Inglaterra da independência



Uma preciosidade documental

Qual a notícia geral da Capitania de Goiás? O que não consta nos Anais, nas Bulas ou nos Tratados luso-brasileiros? O que não deu na Matutina, na Informação ou na Oeste? O que só um estudioso atento aos saldos de memória e aos créditos da história goiana poderia nos trazer de tão longe, de tão distante e que se encontrava perdido e disperso em meio ao desterro documental sobre Goiás? A grande notícia é a publicação da **Notícia Geral da Capitania de Goiás**, coordenada pelo historiador da terra e do planalto, Paulo Bertran.

A **Notícia Geral** nos traz os fatos do primeiro descobrimento até relatos da real fazenda e registros da secretaria do governo, passando por tópicos de história política e descrição da capitania goiana. Os julgados da capitania e a relação de moradores destes importantes julgados goianos são também registrados na obra.

Já de início uma observação geral: "Esta **Notícia Geral da Capitania de Goiás**, de 1783, foi transcrita e organizada a partir de manuscritos inéditos, com igual denominação, existentes na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e, parcialmente, no Arquivo Ultramarino de Lisboa..." Segundo Bertran, a **Notícia Geral** constitui-se na mais antiga e ampla informação geo-histórica da capitania de Goiás, datada do ano da graça de 1783 e "*foi mandada fazer por Provisão Régia do Conselho Ultramarino, datada de 20 de julho de 1782, que estipulava ao segundo vereador das Câmaras vilarengas do mundo lusitano, escrever cronologicamente os fatos e casos mais notáveis da história da colonização portu-*

guesa". Nem tudo foi cumprido, mas muito foi feito. Mais: a maior parte foi refeita pelas mãos conscientes do arquivista metuculoso.

Para entender o contexto que gerou a Provisão Régia determinadora da futura **Notícia Geral da Capitania de Goiás**, é necessário passar um pouco pelo retorno da aristocracia lusitana ao poder, a chamada "Viradeira". A primeira metade do século XVIII foi marcada, entre nós, por um dos mais longos reinados lusitanos, bafejado em terra d'álem-mar. O governo de D. João V, em sua longa duração, foi um dos mais ricos da história lusa, fruto, em boa parte, do ouro brasileiro. O governante não era, porém, popular. Uma quadrinha da época assim o expressava: "*Nós tivemos cinco reis / todos chamados Joões / os quatro valem milhões / o quinto nem cinco réis*". Rima que seria retomada por Oswald de Andrade na Semana de 22, era a pilhéria da ganstança lusitana na boca do povo. O reinado de D. João V foi marcado por gastos suntuários, oriundos das riquezas das minas coloniais que resolviam momentaneamente a difícil crise financeira, herança nefasta do reinado de Pedro II (1667-1706). A segunda metade do século XVIII fez com que o "bem governar" fosse a tônica das atividades administrativas nos ventos desgovernáveis do "despotismo esclarecido" que empregava, no lugar da origem divina, a racionalidade, cuja tradução mais exata para o Brasil estava na ditadura da era Pombal. No conselgado de Pombal tivemos a ascensão da burguesia ao aparelho de Estado e um nacionalismo pan-

lusitano, no bojo da monarquia absolutista de D. José I, austera e sanguinária. Após a era Pombal, deu-se o retorno da aristocracia ao poder (a mesma desalojada pelo Marquês), batizada de "Viradeira", com D. Maria I no poder ainda sã. Em Goiás tínhamos a presença de Luís da Cunha Menezes, o "Fanfarrão Minésio", referência das cartas chilenas de Tomás Antônio Gonzaga aos desmandos e loucuras do representante da Viradeira por terras de Goiás e Minas.

Seguindo estes passos, entre histórias e rastros de fontes, entre o cumprimento disperso da Provisão Régia e o conjunto de documentos que passam a compor a **Notícia Geral**, temos a aventura bertraniana. Ganimeiro de todas as fontes, bandeirante dos documentos perdidos, do ouro de ontem e dos caminhos de hoje, Bertran foi montando a **Notícia Geral da Capitania de Goiás** pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, pelo Arquivo Nacional, pelo Instituto Histórico, até o Arquivo Ultramarino de Lisboa, depositário de parcela de nossa memória luso-goiana, entre tantos outros lugares, entre outras tantas pesquisas. De rigorosa montagem e adequações de linguagem necessárias, Bertran nos brinda e confessa em sua excelente introdução que "*com seus erros e inconfidências é a fonte primeira em que se abeberou toda a posterior historiografia goiana. E que ainda fornecerá muita água para o futuro. A primeira história. O sonho do historiador: primeira e inédita*".

A **Notícia Geral** nos remete ao tempo da mineração. 1783 é o ano do reconhecimento pela Inglaterra da independência

DF

CÂMARA LEGISLATIVA

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL - ENCARTE DA DF LETRAS

Ano I nº 01



A *DF Letras* ganha um novo encarte: o *DF Câmara Legislativa*. O novo espaço destina-se aos deputados distritais para que eles possam expressar as suas opiniões relacionadas com a cultura do Distrito Federal ou mesmo os esforços de cada um deles no sentido de valorizar e proporcionar melhores condições àqueles que militam nas áreas de produção cultural da cidade.

Neste aspecto, a Câmara Legislativa do DF e os representantes do povo nesta Casa Legislativa, muito têm contribuído para o engrandecimento da cultura de Brasília e de seus agentes, aprovando Leis que possibilitam o cumprimento da Lei Orgânica do Distrito Federal no tocante a garantir o pleno exercício dos direitos culturais e o acesso às fontes culturais à todas as pessoas, bem como a proteção do nosso patrimônio artístico, cultural e histórico.



Apresentei projeto à Câmara Legislativa, que dá às principais praças das cidades do DF

(exceto o Plano Piloto) os nomes de pioneiros e personalidades, todos já falecidos, ligados à história e à cultura de cada região. "Será uma forma de humanizar as praças e, ao mesmo tempo, homenagear cidadãos destacados de Brasília".

Cada praça terá uma placa com os dados biográficos da pessoa que emprestará seu nome ao logradouro. "Esse é o aspecto educativo: quem freqüentar as praças vai aprender muito sobre a história de Brasília ao tomar conhecimento das biografias dos nossos pioneiros". Entre as personalidades homenageadas está o grande escritor Castro Alves, autor do poema que inspirou-me a apresentar o projeto.

Luiz Estevão (PMDB)



Os escritores do Distrito Federal terão seis obras publicadas, ao ano, com recursos do GDF. A lei 1.391/97, que criou a

Bolsa Brasília de Produção Literária, de minha autoria, acaba de ser regulamentada. Agora, caberá à Fundação Cultural a realização do concurso público, que selecionará as obras a serem financiadas. O edital com as normas do concurso deverá ser publicado nos próximos dias. A Bolsa Brasília de Produção Literária publicará obras inéditas nos gêneros de conto, crônica, poesia, romance, novela e ensaio. Além da publicação, a Fundação Cultural concederá aos selecionados um prêmio cujo valor será estabelecido no edital do concurso.

Geraldo Magela (PT)



Garantir a presença de artistas brasileiros na abertura de todos os shows que ocorrem nos espaços do GDF. Essa é uma das minhas dez propostas, na área cultural, que deverá ser aprovada neste se-

gundo semestre pela Câmara Legislativa. O projeto de lei nº 2.948/97, de minha autoria, torna obrigatória, nos shows de artistas de outras unidades da federação ou de outros países, a apresentação de atrações brasileiras quando os espetáculos ocorrerem em espaços do GDF, como o Teatro Nacional, por exemplo. O objetivo do meu projeto é valorizar os artistas da cidade e abrir um espaço digno para os talentos locais.

Daniel Marques (PMDB)



O Secretário de Cultura Pedro Tierra, informou que o Governo Democrático e Popular iniciou uma ação que visa a levar cultura às comunidades do Distrito Federal.

Trata-se do Programa Mala do Livro, que consiste em minibibliotecas, compostas por um acervo dentre 140 a 180 obras, acondicionadas em caixas-estantes, denominadas Bibliotecas Domiciliares. Essas Bibliotecas funcionam nas residências dos Agentes Comunitários de Leitura, que emprestam os livros aos leitores cadastrados. Os volumes são trocados a cada dois meses para que os leitores tenham novas opções.

Eurípedes Camargo (PT)



O movimento gospel chegou timidamente ao Brasil e entrou em nossas igrejas em versão americanizada. Foi crescendo e há cerca de dez anos rendeu frutos, como o grupo Rebanhão. E Brasília já tem seus representantes na música gospel, como os grupos Raízes, Luz em Canto, Estilo de Vida, Livre Arbitrio, Kadesh, João Inácio e Ranúzia, Walter Júnior e outros.

A aceitação do gospel é tamanha na mídia que o DF, conta, no momento, com duas rádios FM e duas AM, voltadas somente para a execução de músicas evangélicas. Em breve, também teremos dois canais de tevê a cabo voltados para esse segmento religioso.

Peniel Pacheco (PSDB)



“Garimpo no asfalto
Pedra bruta, maltratada
Explorada
Sem direitos autorais”

Menino de rua, um dos belos poemas encontrados no livro *Meu eu*, de Genilce das Graças de Oliveira, é uma amostra singular da dimensão dos valores culturais do Distrito Federal, que despontam com o apoio do Poder Legislativo local. Mineira, pioneira em Brasília, Genilce enriquece a literatura da região com os seus “momentos mágicos”, como ela define a sua inspiração, em seu primeiro livro, lançado em junho na Câmara Legislativa. Continuaremos levando adiante esse importante trabalho de apoio à cultura, para que trabalhos de qualidade, como *Meu eu*, possam chegar às mãos dos brasileiros.

Edimar Pireneus (PMDB)



Aprovado por unanimidade o projeto de lei que autoriza as escolas públicas a utilizarem os muros e espaços ao redor dos muros para propaganda em “outdoors”. De acordo com a minha proposta, não serão

permitidas propagandas de cunho político-partidário, bebidas alcoólicas e cigarros.

Toda a receita da veiculação publicitária será administrada pelas Associações de Pais e Mestres (APM) ou pela Caixa Escolar, que utilizará os recursos na manutenção e conservação do colégio. A própria comunidade é quem vai dizer como o dinheiro será empregado. A demanda pelo serviço já existe, principalmente nas inúmeras escolas bem localizadas de Brasília.

Lucia Carvalho (PT)



O Movimento Cultural do Gama precisa voltar a ser efervescente, tal qual foi em passado recente, quando o seu Conselho Regional de Cultura trazia para si a responsabilidade de discutir e encaminhar as questões relevantes para a produção artística da cidade.

Daqui a alguns dias será dado início aos preparativos da festa comemorativa ao aniversário do Gama, que ocorrerá em outubro. Mas, até o momento a área cultural não se manifestou. Talvez, por isso, tenha pairado tantas dúvidas com relação a lisura nos contatos mantidos com os possíveis patrocinadores da festa. Entretanto, isso poderia ser evitado se o Conselho Regional de Cultura assumisse o seu papel.

César Lacerda (PTB)



O Sindicato dos Condutores Autônomos de Veículos Rodoviários de Brasília, o Sindicato dos Taxistas, está investindo na cultura e aperfeiçoamento profissional dos motoristas. Resultado de um convênio firmado com o sistema SEST/SENAT, o sindicato vai promover cursos de línguas estrangeiras para os taxistas. Os cursos serão ministrados em salas montadas no Núcleo de Apoio ao Taxista do Aeroporto. Trata-se de uma iniciativa pioneira e avançada, sem qualquer ingerência do Estado, que indica a importância da atividade sindical. Levar cultura aos trabalhadores é uma maneira de fortalecimento da cidadania.

Manoel de Andrade (PMDB)



A cultura assegura a realização dos homens no decorrer do seu desenvolvimento, permitindo-lhes aproveitar a obra civilizadora representada pela experiência acumulada pelas gerações anteriores e confirmada pela geração atual. Implica na formação do espírito, revestindo-se no hábito de encarar as coisas filosoficamente, de elevar-se acima das minúcias, de não se sentir como um estranho na época em que se vive. A cultura desperta no homem o desejo de pensar por si mesmo.

Renato Rainha (PL)



A cultura em Brasília é deficiente, especialmente na área editorial. Muitos escritores ficam com seus escritos na gaveta, já que o valor de uma publicação é muito elevado. O incentivo do governo é irrisório. Existem alguns projetos oficiais de ajuda ao escritor, para publicação de suas obras literárias. Mas o acesso ao crédito é muito limitado, atendendo somente aos escritores que já têm nome. Todavia, o escritor faz os orçamentos nas gráficas e apresenta ao órgão governamental, quando sai a liberação o valor não cobre mais os custos, diante da burocracia. Essa situação não pode perdurar, sob pena de enfraquecermos os nossos movimentos culturais. Precisamos incentivar os novos talentos.

Odilon Aires (PMDB)



A Contribuição de Noel Rosa e Pixinguinha para a música popular brasileira está tão enraizada e presente na nossa cultura que parece-nos mesmo irreal o fato de os dois não estarem mais entre nós. É impossível dimensionar o valor da obra deixada por esses dois grandes artesãos da música, pois, ainda hoje, continuam influenciando gerações e gerações de compositores e cantores. Graças a eles e a outros artistas brasileiros igualmente talentosos, a exemplo de Francisco Mignone (na música erudita), o Brasil é um País cada vez mais respeitado em todo o mundo.

Zé Ramalho (PDT)



A Lei Orgânica do Distrito Federal completa quatro anos de existência. O momento é ideal para refletirmos

sobre tal fato e a importância para a cidade de nossa Lei maior. Ela traduz os resultados dos esforços empreendidos para dotar o DF de um instrumento ágil e moderno, isento de artificios que possam suscitar dúvidas quanto à sua interpretação. Ela não é, no entanto, imutável. Principalmente agora com as mudanças que estão sendo processadas na Constituição Federal, fatalmente nós teremos que modificá-la. A Lei Orgânica é o ponto de partida em direção ao futuro que a população brasiliense almeja. Deve acompanhar as exigências da própria dinâmica da vida moderna.

Jorge Cauhy (PMDB)



Participamos no início de agosto, do 1º Congresso Latino-Americano do Mercado Fonográfico no Rio de

Janeiro, estreitando contatos com produtores e representantes da indústria fonográfica do país. O objetivo maior é a concretização do Pólo Fonográfico do DF que não saiu do papel, apesar de ter virado lei - de nossa autoria. Agendamos encontros com a Associação Brasileira dos Produtores de Discos para discutirmos as possibilidades de investimentos em Brasília.

Miquéias articula ainda a criação de um grupo de trabalho com representantes das secretarias da Indústria e do Comércio, Turismo, Fazenda e Cultura para viabilizarmos a regulamentação do Pólo Fonográfico.

Miquéias Paz (PT)



Lei Orgânica

Quatro anos de reafirmação da cidadania

“Sob a proteção de Deus, nós, Deputados Distritais, legítimos representantes do povo do Distrito Federal, investidos de Poder Constituinte, respeitando os preceitos da Constituição da República Federativa do Brasil, promulgamos a presente Lei Orgânica, que constitui a Lei Fundamental do Distrito Federal, com o objetivo de organizar o exercício do poder, fortalecer as instituições democráticas e os direitos da pessoa humana.”

Este é o preâmbulo da nossa Lei Orgânica. Assim começa a Lei Maior do Distrito Federal que fez 4 anos desde a sua promulgação em 8 de junho de 1993. Com a chegada da Lei Orgânica findou-se um ciclo e deu-se início a outro, mas entre um e outro período houve muita luta e dedicação de muitos para que alcançássemos a cidadania plena. É uma pena que nem todos moradores do Distrito Federal conheçam a nossa Lei Orgânica e tenham a verdadeira dimensão do seu significado. É a nossa certidão de cidadania.

No começo, Brasília era um sonho. Mas a realidade acabou sendo mais bonita que o sonho. Liderados por Juscelino Kubistcheck e inspirados pela criatividade de Lúcio Costa e Oscar Niemayer, os brasileiros vindos de todos os cantos ergueram esta cidade e a tornaram a Capital do País, orgulho de um povo, Patrimônio Cultural da Humanidade. Lutas memoráveis foram travadas contra a intolerância de poucos que queriam privar a nossa gente da autonomia política, de elegermos livremente os nossos representantes

no Congresso Nacional, no Palácio do Buriti e em última instância, na Câmara Legislativa do DF.

Mas a força e a perseverança dos candangos dobrou à todos. A própria origem da palavra, Kangundu, do quimbundo-angolano, que significa pessoa dura de quebrar, traduz este espírito inquebrantável que dominou à todos. Nestes poucos 37 anos de história muitos nomes ficaram marcados de forma indelével na consolidação de Brasília e em sua emancipação política.

O resultado de tudo pode ser traduzido na nossa Lei Orgânica. Fruto do trabalho dos deputados distritais, da primeira Legislatura desta Casa, agora ela completa 4 anos. Ao longo deste tempo vem sendo atualizada e se colocando-se ao lado das transformações geradas pela própria sociedade para espelhar fielmente os nossos anseios. Da terra virgem desbravada à cidade cosmopolita de hoje, Brasília vestiu-se de cidadania a partir da Lei Orgânica, resultado da contribuição de todos os candangos que a amam.

Na foto histórica, o presidente da Câmara Legislativa à época, Salviano Guimarães, posa entre os deputados membros da Comissão de Sistematização e o grupo de assessores ao final dos trabalhos da Lei Orgânica.



O sertão iluminado

No Planalto Central do Brasil, em fins do século XVIII, a cultura do colonizador era uma manifestação nostálgica daquilo que se supunha fosse moda em Portugal, ou que, por outras vias, havia caído no gosto da terra e espalhava-se sem controle ou critério estético, banhando-se na luminosidade dos trópicos, no calor dos sons afro-mouriscos, na melopeia desfibrada do tapuia e até em vagas reminiscências hindus do Império Lusitano do Oriente.

No verdor do século, monarquia joanina, a ópera era preferência absoluta em Lisboa, liberando a emoção com que a voz humana de tanto em tanto supera a música orquestral para implantar-se tiranicamente na condução dos povos.

A música de um tempo qualquer é a verdade do desejo desse tempo. A linguagem obscura.

A corte portuguesa de D. João V (1706-1750) vivia de óperas em óperas. Favoritas em Lisboa eram as italianas, para as quais importavam-se da Itália companhias inteiras e uma multidão de *Castratis*, adolescentes castrados, que representavam em palco papéis femininos e às vezes masculinos.

Eram os travestis do tempo. O próprio D. João V entreteve-se com um deles, para escândalo do reino.

Já com o século maduro, época de D. Maria I (1755-1799), o gosto moderno e a música do Brasil, com seu pezinho na África, invadira os saraus lisboetas. Dizia Oli-

veira Martins: *...a modinha brasileira era o encanto doce de uma sociedade licenciosa. Havia mulatos célebres, aplaudidos nos salões por darem ao lundum um acento libidinoso como ninguém: era uma feiticeira melodia sibarita, em lânguidos compassos entrecortados, como quando falta o fôlego, numa embriaguez de sensualidade voluptuosa. O lundum, acomodado à guitarra, ensandecia as meninas:*

*Em bandolim marchetado
Os ligeiros dedos prontos
Louro peralta adamado
Foi depois tocar por pontos
O doce lundum chorado.*

Ouvia-se aqui e ali minuetos de Haydn, mas a esmagadora influência nas artes, na música, sobretudo, vinha do partido italiano, Itália do sul, confuso reinado espanhol de Nápoles e das duas Sicílias. Por esta vertente é que escoava a moda portuguesa do século, com o francesismo já escoimado de suas arestas pela lima do artista italiano da Contra-Reforma. O português e o brasileiro colonial estão mais pelo partido de Casanova e do rococó de Barromini do que pela visão contestatória dos Enciclopedistas. E havia, ademais, o encosto da familiaridade mediterrânea. A Península Ibérica e a Península Itálica embeçavam-se desde muito no gosto das orientidades muçulmanas de África, em que o estilo resultava pesado, emocional, profuso e prolixo como um arabesco, sempre mais barroco do que qualquer outra expressão de moda.

O retardo de 60 anos que os especialistas datam, de sobrevida do barroco tardio no Brasil, é também um retardamento ibérico e italiano, em que antes a nova moda do classicismo deixou-se afogar no rococó e no barroquismo generalizado do que o contrário que se via em outros reinos europeus. Assim, na música, o que se ouviu em Portugal e no Brasil foi por muito tempo a ópera napolitana, com sua invenção do alto estampido das árias, ao estilo dos Scarlattis, pai e filho, o segundo dos quais esteve acostado à corte lisboeta. E de seus discípulos Durante, Porpora, Tartini. Cimarosa (1749 - 1801), autor de *O Matrimônio Secreto*, já é outro inovador, reforma a ópera com introdução de movimentos de cena.

*Notícia Geral da Capitania de Goiás,
Tomo II, pag. 11.*

A importante Igreja Matriz de Meia Ponte (vista por trás) e a antiga cidade de Pirenópolis
(Desenho de W.J. Burchell, detalhe, outubro de 1827, n.º 184)

norte-americana (Tratado de Versalhes) e, enquanto Kant escrevia *Prolegômenos*, a *Notícia da Capitania de Goiás* nos indicava que as minas, essas ilhas de "ilusões e dívidas" se esgotavam rapidamente e o escravo tornava-se uma moeda inflacionária. Crise aurífera e de mão-de-obra, a população efetivava seu êxodo natural. Estabelecia-se assim a "lógica perversa" ou as "funestas conseqüências" previstas pelos "aritméticos políticos" de que nos fala a *Notícia Geral* em seu início.

Temos importantes registros sobre os julgados goianos e uma rica tessitura de acontecimentos como, por exemplo, a "nîmia secura", ou seja, os três anos de seca braba entre 1773 e 1776, seguidos de chuvas diluviais entre 1778 e 1782, que se transfiguravam em sinônimos de catástrofes e fome. Daí, destaca Bertran, a tese ambiental de que secas e chuvas, por longos períodos, fizeram com que os índios se acomodassem e permitissem a pacificação, ao mesmo tempo em que despencavam os investimentos em escravos, fazendo crescer os capitais canalizados para a pecuária, resultando com que Goiás, no século XVIII, conhecesse uma economia capitalista auto-subsistente, suficiente, dos sertões gerais do Brasil, distante de qualquer perspectiva de decadência, afirmada pelos equívocos dos viajantes europeus.

Enfim, essa preciosidade documental, essa orquestra de dados e informações sobre Goiás no século XVIII, sob a batuta magistral de Paulo Bertran, vai tornar-se notícia geral para todos aqueles que se aventurarem pelos caminhos de Goiás.

* Nasr Fayad Chaul é professor da Universidade Federal de Goiás. Doutor pela USP e Coordenador do Mestrado em História da UFG.



Quartel do Vinete, da antiga Companhia de Dragões, em Vila Boa de Goiás

(Desenho de Tom Meis. In: *Vila Boa de Goiás*, 1977)

A arte de reinventar

Phalábora é a síntese da poesia de Gustavo Dourado (Armagedon), poeta da reinvenção e da magia. Seu universo pujante e criativo é desvendado página a página, com palavras que jorram sons, cores, verdadeiras matérias-primas da imaginação.

Culto, conhecedor profundo de nossa língua e de obras dos imortais Guimarães Rosa, Mário Faustino, Euclides da Cunha, dos repentistas Cego Aderaldo e Zé Limeira, sem falar nos modernistas, ele faz uma junção básica do popular, do erudito e do concreto.

Ao inspirar-se, costuma beber em fontes glauberianas e torquatianas. Não é à toa que dedica dois poemas a Glauber Rocha e um belíssimo cordel a Torquato Neto. Sua magia vem também de leituras do denso James Joyce e de Baudelaire. Assim, o poeta lança um olhar sobre o futuro, transcendendo, com sua obra, os muros do lugar comum. E o resultado não poderia ser outro: versos que primam pela inventividade, versatilidade e ineditismo.

Em Guimã-Rosa, por exemplo, faz uma exaltação à língua portuguesa e aos inventores da linguagem quando diz: "Língua! Por(tu)guesa errante, lusídica rosa personalizada/ experimentalizo la langue nas ancas filológicas do verso..... Guimã-Rosa do povo/Cobra, Cabral Macunaíma".

Suas palavras brotam cores devido a forte influência das artes visuais.

Phalábora
livros de Gustavo Dourado
amargedon

Fez, inclusive, parcerias com os artistas Zé Nobre, Sabino Costa, Delei, Edgar Santana, Jorge Braga e alunos-pacientes do Sarah.

Contrário às profecias do caos, rebate essas idéias de forma peculiar, com "homonovo" e ponteia: "O novo homem surgirá dionisiaco/poético-sensual/consciente rítmico/homem performático, bailarino sideral/surfista alquímico da palavra." Mas é cruel quando fala de nossas instituições políticas, uma herança da geração panfletária e engajada e deixa escapar esta constatação: "O Brasil quem U.S.A. sou E.E.U.U".

Armagedon, baiano de nascimento e brasiliense de coração, tem o dom da palavra, uma oralidade impressionante. É um poeta que traduz o sentimento cósmico de forma espontânea. Um inquieto por excelência. Um repentista-cordelista de mão cheia. Com todos esses atributos podemos dizer, com toda certeza, que é um dos melhores de sua geração.

Maria Félix Fontele é jornalista e escritora.

Estruturas Poéticas

Paulo Torres, carioca da classe média, nasceu em fevereiro de 1948. Estudou em colégios públicos. Em 1968 ingressou na Faculdade de Medicina da UFRJ, formando-se em 1973. Desde então vem-se dedicando à prática clínica e ao ensino médico no Hospital da Santa Casa do Rio de Janeiro. Há 10 anos trabalha em ambulatório da rede pública atendendo pacientes HIV positivos.



A idéia de escrever poesias e pequenos textos surgiu na faculdade, em 1969. Tornou-se hábito, até certo ponto com função terapêutica: uma atividade amena a contrabalançar o peso e as tensões gerados pela assistência a doentes

graves e freqüentemente terminais.

Jamais publicou qualquer de seus poemas, se o faz agora é mais por afeto a eles e por não julgá-los, de todo, maus.

Os textos selecionados para compor estas **Estruturas Poéticas** foram ordenados ao acaso. "Tirésias", a primeira poesia, é de 1987; "A queda" é a mais antiga (1972). As mais recentes são de 1996 (cinco sonetos).

No momento trabalha em novas composições e revê outras, com a intenção de publicá-las, dependendo da acolhida deste primeiro livro. **Estruturas Poéticas** é editado pela Papel & Tinta Editora.

Já te contei essa?

Nos últimos anos, os economistas brasileiros nos fizeram chorar de raiva. Do confisco da poupança aos planos econômicos miraculosos, sabemos muito bem quanto doeu na carne. Entretanto, há exceções! É o caso do economista Newton Marques, do Banco Central, que lançou recentemente o livro **Já te contei essa?**. Como o título sugere, a obra do autor é uma coletânea de piadas, frases e histórias bem-humoradas.

Editado pela Thesaurus, o livro traz piadas antológicas sobre papagaios, velhinhas, homossexuais, e sem faltar a última do português. O gênero é variadíssimo e bem apimentado. Mas o próprio autor reconhece que elas são preconceituosas e politicamente incorretas.

"Apesar de ser um entretenimento, infelizmente devo admitir que a maioria das piadas são

preconceituosas e politicamente incorretas, pois são fruto de ataques às minorias (sexuais, raciais e regionais). Situações e posições essas que, felizmente, não fazem parte do meu cotidiano e convívio. Trata-se apenas de registrar como a nossa sociedade brasileira lida com os temas que estão ligados à nossa cultura e povo, pois não podemos ser hipócritas em ocultá-los."

O Editor



O homem que ri

Do recanto mais escondido, do seu sorriso farto, o mundo se torna para ele pequeno, insignificante, e continuariam, assim, outras viagens de sonhos, pela Ilha da Madeira, por Madagascar, entre os bravos e persistentes nordestinos; ou, revisitando reinos distantes...

□ Sérgio Muylaert

O clima frio e seco do cerrado, o céu claro, a mansidão se expandindo pela cidade, convidam a descobertas de caminhos e de passos. Por isso, julho é o mês propício para sair à noite, ir-se ao encontro de tudo. Pensamentos soltos, destino na mão, ontem à noite, um homem a sorrir, a extasia. De que se ria?

Ria e ria, tanto, a ponto de saltar de dentro dele uma criança; talvez fosse a criança que nele sempre existiu, morando dentro. A criança saltava dos seus olhos e começava a dançar sobre a mesa. Olhos tempestuosos, o sorriso faiscante, brotava das espessas nuvens de algodão que enredavam-lhe os cabelos.

Um prego espetado na parede o fazia rir. Louco? Não, queria ele, tão somente, refletir sobre a solidão do objeto, da inutilidade do mesmo. Do olhar súbito para o sexagenário, a pureza de um alvor inacreditável se confundia com o pratear da lua e com a simetria impecável de sua arcada bucal, banhada de alegria.

Era, quem sabe, um músico, um poeta, um viajante; um desses andarilhos pelo mundo que encontrou lugar e pouso certo quando descobriu o próprio sorriso, e assim, fulgurante, não explodiria, mercê das emoções daninhas; não iria, jamais, sucumbir ante as paixões perversas da vida. Rebelou-se, a seu próprio modo...

Do recanto mais escondido, do seu sorriso farto, o mundo se tornava para ele pequeno, insignificante, e continuariam, assim, outras viagens de sonhos, pela Ilha da Madeira, por Madagascar, entre os bravos e persistentes nordestinos; ou, revisitando reinos distantes, D. Diniz, pelos salões de alguma corte anti-



O homem que ri

□ Sérgio Muylaert

Do recanto mais escondido, do seu sorriso farto, o mundo se torna para ele pequeno, insignificante, e continuariam, assim, outras viagens de sonhos, pela Ilha da Madeira, por Madagascar, entre os bravos e persistentes nordestinos; ou, revisitando reinos distantes...

O clima frio e seco do cerrado, o céu claro, a mansidão se expandindo pela cidade, convidam a descobertas de caminhos e de passos. Por isso, julho é o mês propício para sair à noite, ir-se ao encontro de tudo. Pensamentos soltos, destino na mão, ontem à noite, um homem a sorrir, a extasia. De que se ria?

Ria e ria, tanto, a ponto de saltar de dentro dele uma criança; talvez fosse a criança que nele sempre existiu, morando dentro. A criança saltava dos seus olhos e começava a dançar sobre a mesa. Olhos tempestuosos, o sorriso faiscante, brotava das espessas nuvens de algodão que enredavam-lhe os cabelos.

Um prego espetado na parede o fazia rir. Louco? Não, queria ele, tão somente, refletir sobre a solidão do objeto, da inutilidade do mesmo. Do olhar súbito para o sexagenário, a pureza de um alvor inacreditável se confundia com o pratear da lua e com a simetria impecável de sua arcada bucal, banhada de alegria.

Era, quem sabe, um músico, um poeta, um viajante; um desses andarilhos pelo mundo que encontrou lugar e pouso certo quando descobriu o próprio sorriso, e assim, fulgurante, não explodiria, mercê das emoções daninhas; não iria, jamais, sucumbir ante as paixões perversas da vida. Rebelou-se, a seu próprio modo...

Do recanto mais escondido, do seu sorriso farto, o mundo se tornava para ele pequeno, insignificante, e continuariam, assim, outras viagens de sonhos, pela Ilha da Madeira, por Madagascar, entre os bravos e persistentes nordestinos; ou, revisitando reinos distantes, D. Diniz, pelos salões de alguma corte anti-



ga, o Palácio de Queluz, ou tantos outros.

Dentro, em seu sorriso espaçoso, o homem é, sempre, mais do que apenas um homem. Seu nome esqueci. Sei, porém, que ele caprichosamente pôs nos pés definitivo par de sapatos pretos, colhidos da prateleira do armário do quarto, misturados às roupas quase em desuso, para sair à rua e brincar, numa noite enluarada, de julho. Não os calçava, fazia seis anos; trocava-os pelo macio par de tênis (leves e confortáveis), dados para maior equilíbrio ao corpo e à mente.

Em certo momento, à mesa do bar, o homem sente-se nostálgico, para falar do neto, o mais novo membro da família, de quem se diz completo e espontâneo servo, por amor e despreendimento. As boêmias e as lutas travadas, inevitáveis, sem amargor; lembra, ainda, dos filhos quando pequeninos; dele e da mulher, que estivera, sempre, a seu lado, para cuidá-los, com tanto amor e dedicação, resplandeciam as histórias sobre outros netinhos seus e da filha, dita por ele, a Madame Pompadour da família, como a rainha, por admiração e respeito, quando lhe atenda a nutrir pequenos favores, com extrema delicadeza.

Ao redor dele, gargalhavam as estrelas, meninas travessas, como despedissem das inocentes brincadeiras de roda, inspiradas por um desassombrado sorriso, vasto e sem compasso, para entrarem na dança de outra folia, na incontinência do amor.

Estou certo de que voltaria, em sua adorável companhia, às estradas poeirentas, de sua terra natal, em Minas, a passear no velho jipe, de que ele falou. Com a mulher e mãe dos seus filhos, ao lado, revirava o mundo, até a calota da noite fechar-se, trazendo-os de volta para casa.

Afetuosos para com todos em seu redor, não seria de admirar que toda felicidade, desde as eras diluvianas, para ele, deveria ter, por cúmplices, o bom vinho e a boa mesa; tudo, sempre, bem repartidinho, como se entre irmãos, em paz, sem mentiras, ou hipocrisias.

Naquela noite, o meu bom amigo não se frustraria por não escutar o fado,

nem a melancolia e o pranto que da música se desbordam, pois, desnecessárias as derradeiras cidadelas sonoras do Velho Mundo. Restariam eles derruídos e já distantes, sem o definitivo lamento, para que o fulgor do seu sorriso singularíssimo melhor fosse por todos apreciado, dentro da noite.

Poeta e sua verve, assim conheci o meu amigo, cuja lira havia se acendido, em muitos sons de risos e mais resplandeceram, na chama da sagração, sob o magnífico encontro da fantasia com a realidade. Os delírios vários já não poderiam adivinhar a densa luz que dele irradiava. Um marujo que chegasse a algum porto, estranho e desabitado, um almirante, ou navegador de constelações imaginárias, jamais tangidas por nenhum olhar humano.

Um argonauta, que nada saberia contar para além da vida, mas o meu amigo parecia a quem jamais se sentiria a dor de sua grande ausência. Retrato vivo de alegrias perpetuadas,



forno e pão da freguesia, aldeão recolhido ao seio de alguma remota montanha. O reiterado milagre da Virgem ou a voz do anho da Perpétua Anunciação? Quem era, quem foi este amigo, que, inesperadamente, conheci?

Com absoluta tranqüilidade, ali, estava, sorrindo de todas as coisas, reunindo todas as noites em uma única noite; a partir do seu largo sorriso dia e noite se pareceriam indetermináveis. Depois de tanto, pouco lhe bastaria morrer, em plena serenidade. Ontem, à noite, juntos, renascemos dos escombros, dos banhados de uma bebida estranha e desconhecida, que alguns, talvez, conheçam pelo nome de Felicidade.

Desde as lembranças curtidas de tantos sambas monumentais, do compositor Cartola, às letras de sambas da Mangueira, da notável Ângela Maria às velhas canções populares, e à doce cantoria de Caymmi, supunha, à sua frente, estar a musa revisitada, do gran-

de baiano, e logo ensaiou: "Marina, morena Marina, você se pintou...". Mais não fez, pois a noite alta se ia, o frio cortante, na madrugada, prenunciavam o mergulho da

lua cheia em seu leito de cinzas, no teatro a céu aberto do Planalto Central.

Teria este homem sucumbido aos múltiplos tropeços, ou, hoje, bafejado pelo sonho de tantas vitórias, olímpicamente, vencedor, seria ele quem, animada e tão intimamente, conversaria com as árvores, por onde andou, em suas manhãs vagarosas?

Enquanto o ritmo, veloz e desavisado, da vida perseguir, supunho, ele ainda saudaria as pessoas, pacatas como ele, ao cruzar com elas, nas calçadas do dia-a-dia? Contemplaria, com admiração pueril, o sol vazado nas folhas, as crianças sobre o jardim de alguma cidade encantada, ou sorriria, com a mesma sofreguidão, outra vez mais?

Sérgio Muylaert é advogado, poeta e escritor, em Brasília, DF.

Batidas às portas de Deus

□ Salomão Sousa

Nesta obra, esta polaridade (o sagrado versus profano) se realiza na sua completude, de forma definidora, pois fica manifesto que é a vida, a forma como ela realiza o profano em cada indivíduo, que define a manifestação do sagrado.

Sempre existiu na poesia de Afonso Félix de Sousa, desde o lançamento de seu primeiro livro, em 1948, passando sobretudo pelo livro de 53, **O Amoroso e a Terra**, e com fortes ressonâncias em **Íntima Parábola**, de 56, uma densa ligação entre o céu e a terra. Trata-se de uma poesia que vem comprovar que nunca há um desligamento completo entre o sagrado e o profano. Ao estudar este fenômeno, Mircea Eliade já concluía que o homem nunca se desvincula do sagrado.

Agora, com o recente lançamento dos **Sonetos aos Pés de Deus & Outros Poemas** (Edições Galo Branco, Rio de Janeiro, 1996) esta polaridade se realiza na sua completude, de forma definidora, pois fica manifesto que é a vida, a forma como ela realiza o profano em cada indivíduo, que define a manifestação do sagrado.

O ser profano em Afonso Félix de Sousa, capaz de reconhecer a dor na carne, de confessá-la, e de vencê-la com o gesto da determinação, aliado à força sagrada da inventividade do mito, nascedouro do sagrado e da própria laboração poética, produziu, assim como a ostra, pérolas com sua dor. Se a lírica é autobiográfica, o poeta mesmo, ao calcar "o deserto, o deserto", nesta ressonância do vazio, vê nele mesmo como se estivesse olhando no espelho de outra individualidade o "menino que se perdeu do oásis" e vai fundindo "o torto e o certo", nesta dicotomia humana de carregar a união, a fusão do profano-sagrado. Em alguns momentos, surge a exatidão dolorosa daquele que chegou ao conhecimento, ter de admitir que "o estado de graça/nasce dos ais de uma desgraça". Mas sem se desenraizar da realidade, pois contém "na mente uma ave/que voa bebendo o presente".

É ser que sente e pulsa o tempo presente, ressoa a realidade, inclusive da poética, que já não teme a sonoridade que vem da partição, basta ver no exemplo anterior (des/graça), como em "Bailam os pés num chão metafísico/e o olhar palmeia um belo físico" - citado o poema completo - como se fosse um poeta marginal de uma pequena cidade goiana espreitando deuses(as) a partir de um banco na praia de Copacabana.

E chega o instante da totalidade do poeta, quando a assonância consegue rimas e consangüinidade das palavras dentro de um soneto inglês de total soberbia: água/trago-a, Granada, madrugada. Com estes exemplos, pode-se reconhecer em

Afonso Félix de Sousa um poeta que soube acompanhar os passos da poesia de seu tempo, enquanto outros/muitos procuram apenas agredir tanto as regressões quanto as progressões. Landedusa, há algum tempo, já reconhecia que, para permanecer como está, às vezes precisamos admitir mudanças. E as mudanças, tanto para a ética como para a poesia, nem sempre são passos para a frente, sobretudo num mundo pós-eletricidade, pós-religião, pós-poesia, onde tudo está claro. Podem ser, sobretudo, passos para trás.

São 29 os sonetos sagrados. Poderia ser outro número, outro tanto. Até para menos, como as 14 estações da Via-Sacra. Mas a sua penitência tem de ser paga com 29 repetições "por tudo o que me dás louvado sejas, /por tudo o que não dás sejas louvado". Talvez por ter esgotado a rima, inclusive tendo de haver recorrência, numa prova de que pode soer de cairmos mais de 14 vezes sob o peso de nossa cruz: despejas (esta aparece três vezes), pelepas, desejas, estejas, ensejas (estas quatro aparecem duas vezes), benfazejas, alvejas, almejas, protejas, manejas, bafejas, vejas, planejas, malfazejas, lampejas, arquejas, bordejas, festejas, bafejas, arejas, fraquejas, elejas, pestanejas.

E nesta ressonância beethoveniana de bater 29 vezes à porta do Senhor ("Eu bato, eu bato, eu bato à tua porta/bato sem ver que a porta está aberta") é a busca para preencher o deserto e alcançar o desfazimento da des/graça, pois "Contigo, não me perco no vazio". O deserto metafísico só pode ser preenchido com outro deserto.

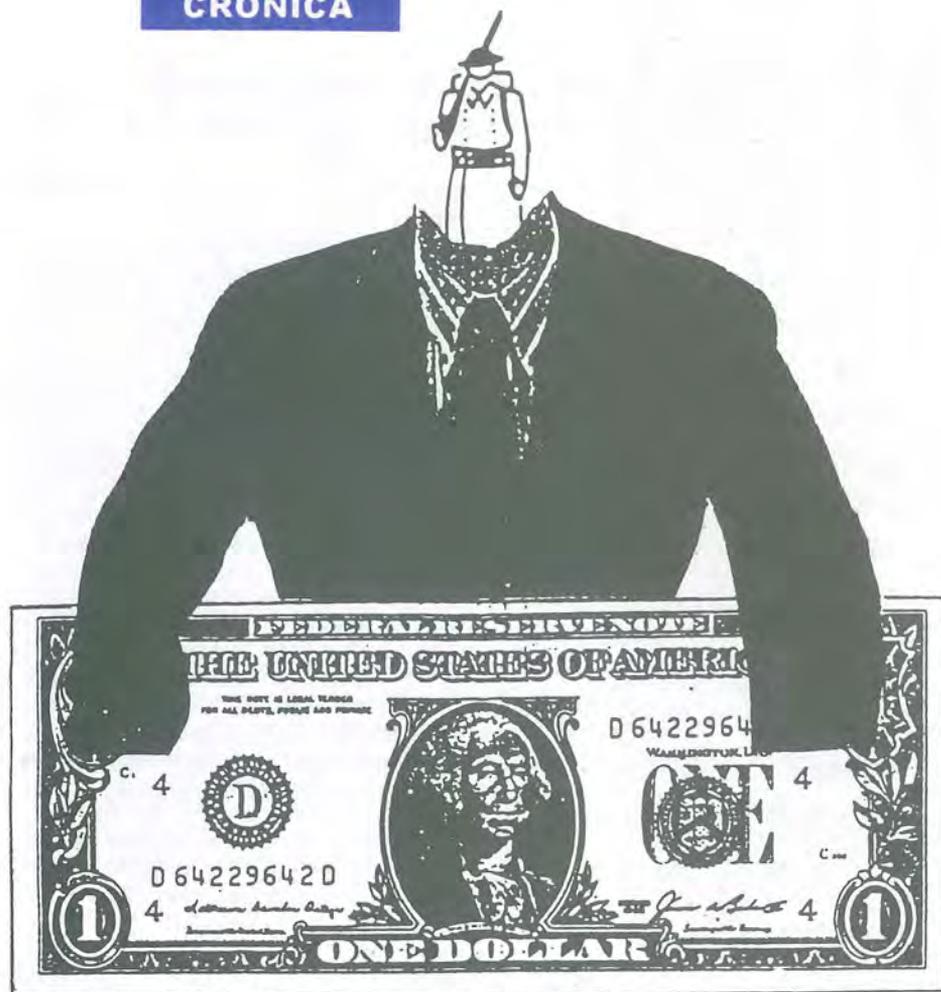
Seus sonetos e os outros poemas não admitem sequer um polimento gráfico, um encastamento do ouro de uma palavra extra, brilham por/em si mesmos, completude. A poesia brasileira estava carente de um retorno lírico, onde nenhum crítico, nenhum leitor sensível, para senti-la, propalá-la, tenha de se valer de alguma característica ou ditames de uma escola literária. Aqui, Afonso Félix de Sousa - um dos ângulos do triunvirato das grandes expressões da poesia goiana, ao lado de José Oodoy Garcia e Qilberto Mendonça Teles - aparece desligado de 45, do neomodernismo, mas amarrado ao umbigo da lírica universal, no mesmo sangue onde se alimentam Leopardi, Ungaretti, Pessoa, Keats.

É onde circula o sangue da lírica não existe túmulo.

Salomão Sousa é escritor, poeta e crítico literário.



Neste momento, faço por ele (escritor Almeida Fischer) uma prece e enxugo os olhos. Meu neto Gabriel, que passa a tarde em casa, entra no escritório e adverte-me que os tenho muito vermelhos e recomenda-me que faça uso do colírio que está sobre a cômoda de meu quarto.



De Bancário a Professor

□ José Geraldo

Lembrança vai, lembrança vem, dou-me conta de que estou aposentado há vinte e um anos, e passo em revista as mudanças ocorridas em minha vida desde que encerrei minhas atividades de funcionário do Banco do Brasil. Não é simplesmente uma folha virada em minha trajetória, mesmo porque não tenho motivo para renegar meu querido patrão de trinta anos, logo eu, que desde cedo aprendi a amá-lo e respeitá-lo e dele recebi uma sólida formação profissional, em tempos em que lá se ingressava através de duras provas, sem que do candidato se exigisse qualquer documento além da carteira de identidade e do certificado de reservista. Era saber, passar e fazer carreira em circunstâncias em que a competência não era

aferida por diploma, sistema a que me habituei e cultivo até hoje, dando muito mais importância ao curso primário incompleto de Machado de Assis que aos montes de pergaminhos de que tanto se orgulham certos sabidos que topo em minhas andanças. O único ponto destoante naquela fase de minha vida - matéria de que tenho tratado em muitas conversas, mas de que nunca havia passado recibo, como faço agora - foi que, por absoluta falta de vocação, eu não cheguei a ser um burocrata de verdade. E foi assim que, com vinte e seis anos de serviço - eu, que era um bancário que fazia versos, sem manter qualquer contato com panelinhas ou grupos literários, eu, que jamais havia cogitado de fazer um curso superior e que estava afastado do

ensino havia mais de vinte anos - prestei vestibular para o CEUB, visando à obtenção de um diploma que me permitisse lecionar depois de cumprir meu tempo no Banco.

Graduei-me em Letras em julho de 1975, na última turma do currículo de oito semestres (que felizmente volta a ser adotado agora, na mesma Faculdade em que fiz o Curso de Letras e onde agora leciono), aposentei-me em setembro do mesmo ano e passei uns tempos revendo e emendando as centenas de poemas que havia escrito, quase todos em momentos roubados ao expediente. Trabalhar em casa foi uma experiência nova para mim, apoiada na Olivetti elétrica com que fui agraciado ao deixar o Banco, em razão de um petição constante de três sonetos dirigidos ao Dr. Roberto Oswald Colín, que então exercia a presidência, máquina que me prestou relevantes serviços e agora está inativa, substituída pelo computador há cerca de três anos, máquina que tem sua história e da qual não cogito de desfazer-me, porque é peça de museu.

Em fins do segundo semestre letivo de 1977, Almeida Fischer, que fora meu professor e continuava no CEUB lecionando Literatura Brasileira, dirigiu-se ao professor Máximo pouco cansado, etc., etc. O diretor abriu a gaveta para consultar os currículos de prováveis candidatos, tendo

seu gesto
sus-

tado por Fischer que, usando seu inquestionável prestígio como alavanca, permitiu-se passar-lhe um papel com meu nome. Queria uma pessoa para trabalhar diretamente com ele e gostaria que fosse alguém de sua confiança. Não me tinha dito nada e só depois da bem-sucedida entrevista recomendou-me que fosse à Diretoria, para tratar da contratação. Comecei a dar aulas em fevereiro de 1978 e durante vários anos tive a satisfação de servir sob as ordens do professor Villar, que hoje está aposentado e cuja amizade é para mim muito cara. Nesse tempo, Fischer já me havia levado para a Associação Nacional de Escritores, ambiente em que nossa convivência converte-se em amizade, que sustentou meu ingresso na Academia Brasileira de Letras; mais tarde idealizamos juntos as bases da Academia de Letras do Brasil, entidade de âmbito nacional a que Brasília, como Capital, faz jus, fundada em 1987. Neste momento, faço por ele uma prece e enxugo os olhos. Meu neto Gabriel, que passa a tarde em casa, entra no escritório e adverte-me que os tenho muito vermelhos e recomenda-me que faça uso do colírio

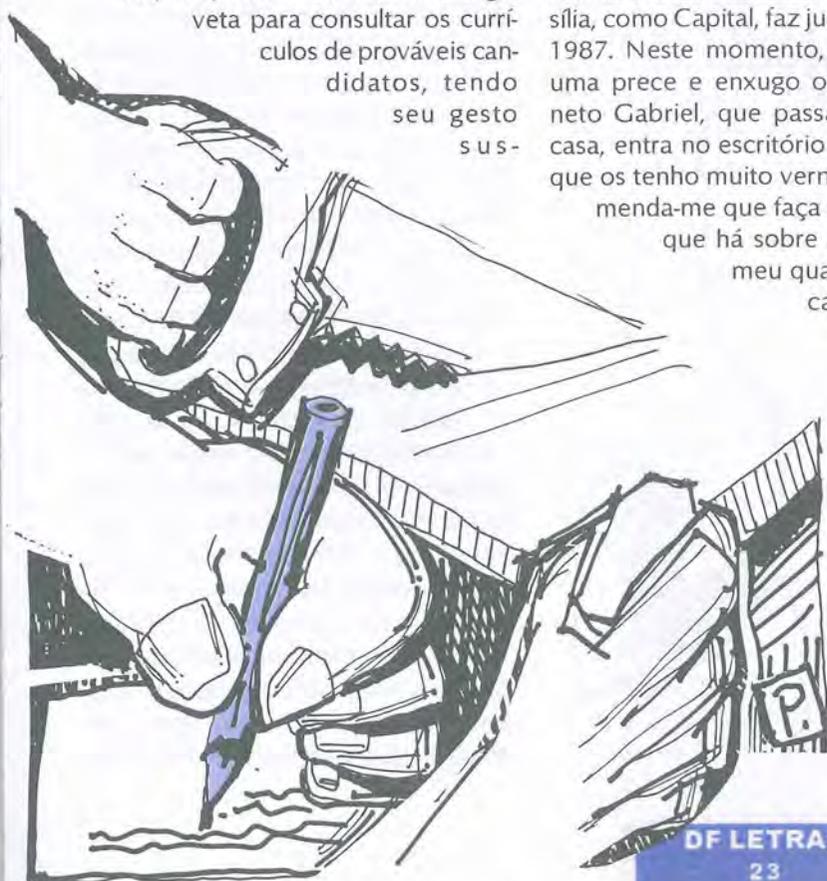
que há sobre a cômoda de meu quarto. Sacudo a cabeça, em sinal de aprovação.

Eis-me pensando como o homem muda! Escrevo estas últimas palavras e dou-me conta de que acabo de parafrasear Bentinho, quando, no

Dom Casmurro,

dá por escrito o que antes não contava a ninguém. Penso em fazer menção exata do episódio, mas não levo a idéia avante. Mas sinto como o homem muda. Entre 1947 e 1950, no curso bancário, em Niterói, eu dera aulas de Matemática e Contabilidade, disciplinas que hoje não me dizem nada, e essa era minha experiência no magistério, à qual posso acrescentar, talvez por aproximação, os encargos de conferencista e instrutor da Sociedade Brasileira de Eubiose, exercidos desde 1958. Vai daí que, quando comecei a lecionar Literatura no CEUB, eu não era exatamente um calouro na profissão, mas, com a nova investidura, consolidei a idéia de que no mister de dar aulas estava o ofício com o qual eu tinha a mais estreita afinidade, e foi então que eu pude sentir o que era recomençar a vida aos cinqüenta e quatro anos. E foi depois de desligado das atividades burocráticas que pude sentir, em nova fase, a sedução do magistério, agora renovada, para cujo exercício a verdadeira vocação parece um dom indispensável.

A precocidade é um dom que jamais se aproximou de mim. Comecei a fazer versos com vinte e oito anos, e preparo-me para encerrar uma crônica, gênero que cultivo acidentalmente, desde os trinta e cinco. Aos cinqüenta ingressei no território de ensaio, aos cinqüenta e seis escrevi o primeiro conto e tenho como certo que o único romance que engendrei jamais era para o papel. Minha ligação maior está com a poesia e não tenho em vista começar mais nada. Mas se aparecer...



QUEM TEM MEDO DO

DIABO MODERNISTA?

Os vícios do gênero humano, vistos sob o microscópio de Dioclécio, nos fazem refletir sobre as mazelas com as quais convivemos cotidianamente, e que, infelizmente, já não nos causam espanto.

É quando entra a figura mitológica do diabo, amodernado: ele está entre nós...



□ **Aglaia Souza**

Dioclécio Luz, depois de nos apresentar o **Roteiro mágico de Brasília**, já com seu terceiro volume em fase de conclusão, mostra que é ficcionista, e dos bons. Neste seu primeiro livro de contos, **O diabo modernista**, consegue prender a nossa atenção da primeira ("O fim do mundo") à última narrativa ("Paixões, fantasmas"): afirma-se, indubitavelmente, como um contista de primeira água.

Alia regionalismo (tanto nos temas quanto na recriação da fala) a universalismo, ao descrever-nos o interior deste nosso imenso país, bem como os sentimentos inerentes a todo ser humano, com uma linguagem ao mesmo tempo poética e realista. Mesmo quando cria o absurdo, continua tremendamente ligado à realidade. Os latinos diziam que é rindo que se muda a sociedade. O escritor, quando ridiculariza um fato, está denunciando uma situação viciosa. E aí Dioclécio Luz atua como cronista de sua época, no sentido mais profundo do vocábulo. Machado de Assis criticou seu tempo, através de contos, como Rubem Braga o fez na crônica jornalística, diária, plena de poesia. Dioclécio Luz é mais do que o jornalista que narra um acontecimento: ele o recria, entra na história e a reescreve, como protagonista e até mesmo como agente, mudando o rumo, inventando um novo final, quanto mais inverossímil, mais próximo da realidade, pois a caricatu-



ra nada mais é do que a exacerbação dos defeitos. Os vícios do gênero humano, vistos sob o microscópio de Dioclécio, nos fazem refletir sobre as mazelas com as quais convivemos cotidianamente, e que, infelizmente, já não nos causam espanto. É quando entra a figura mitológica do diabo, amodernado: ele está entre nós, bem vestido, perfumado, bem falante, rindo de toda a miséria em que estamos atolados. Daí depreende-se que o título foi muito bem escolhido: o diabo passeia por todo o livro, resultando em uma perfeita unidade temática.

A identificação que se tem, ao ler esta obra corajosa e atual (apesar do preconceito com o tema proposto por Dioclécio), parte do próprio significado da palavra Satanás, cuja raiz remonta ao hebraico, e pode ser traduzida como o adversário, o inimigo que cada ser carrega dentro de si, a sua metade maligna, representação da dualidade humana.

Entretanto, outro nome comumente a ele aplicado, Demônio, do grego **daimónion**, tem o sentido de espírito familiar, o gênio inspirador que presi-

de o destino de cada indivíduo. Venerado em todo lar da Grécia antiga, encontra paralelo, no interior do Brasil, com a Família, ou Familiar, diabinho criado dentro de uma garrafa.

Lúcifer, outra denominação que encontramos, do latim, é o portador da luz, ou, ainda, a estrela da manhã, o planeta Vênus (representação da deusa do Amor) dos antigos romanos; o próprio ser humano, o anjo caído, em busca da Luz.

Por fim, chegamos à palavra utilizada pelo autor: Diabo (do latim **diabolus**), que é o chefe dos demônios; termo católico, criado a partir da Idade Média, para afastar os fiéis dos ritos pagãos, que proliferavam por toda a Europa.

Mas, voltando ao nosso diabo, o do livro, o moderno, aparece em quase todos os contos, desde "Encontro com o Diabo" até o conto título; poderíamos incluir "O fim do mundo", que

conta a invasão das cidades pequenas pela televisão; "O caso do sumitério...", povoado de assombração; "Olhos de passarinho", com um personagem demoníaco; "Eu que não morro", história de um homem que não consegue morrer; "A perna podre de meu pai", cheio de velório do princípio ao fim (aliás, é uma cena que se repete por todo o volume: velam-se desde pernas, braços, a "O grande bosta"). Em "Ele entre nós", duas mulheres conversam sobre um amante em comum, falecido; "As formigas de Tzaren-Kan" narra a morte de um planeta; "Paixões, fantasmas" nos diz da aparição da ex-namorada do narrador; "Vó Margarida" começa com a protagonista se lembrando do finado marido; em "A mulher lá fora" não se sabe quem é real ou quem é o fantasma, o sonhado; por fim, "A última vez que pude ver a luz do sol ..." descreve um encontro transcendental: "Atravessou lentamente a avenida e parou diante de mim e eu pensei: 'agora ela vai me comer'. Senti que o bairro inteiro, a lua e o tempo paravam com ela", no qual o poeta se revela inteiro. Sim, Dioclécio Luz, detrás da capa de modernista, usando a figura do diabo para afugentar as pessoas, não esconde uma alma romântica, e um excelente contador de "causos".

A Fundação Cultural do Distrito Federal acertou quando, em 1990, premiou **O diabo modernista**, no Concurso Literário daquele ano.

Sob a influência de Gabriel García Marquez, Ray Bradbury, Isaac Asimov, entre outros, surge um escritor que precisa ser conhecido por todos os brasileiros.

Então, vencido o natural temor que alguns têm dessa palavra, exorcizando o medo que foi incutido, na cultura ocidental, durante tantos séculos, sentemo-nos diante deste Diabo modernista e conheçamos a riqueza do contista Dioclécio Luz.

Aglaia Souza é poetisa, contista e cronista.

Francisco Mignone

Em busca das nossas raízes

□ Neusa França

Francisco Mignone tornou-se amigo e fã de Mário de Andrade, concordando plenamente com a tese nacionalista dos Modernistas. A propósito, o maestro Mignone impregnou fartamente do "toque" brasileiro sua obra "Fantasia Brasileira para Piano e Orquestra".

Sinto-me bem à vontade para prestar depoimento sobre a figura inescrutável do maestro Francisco Mignone; isto porque, como sua devotada aluna, convivi com ele por longo período, nos Cursos de Harmonia Prática ao Piano e de Composição. Aliás, muito lhe devo, também, pelo incentivo que me deu, examinando e apreciando, pormenorizadamente, várias composições minhas. Após analisar a música (de minha autoria) do hino de Brasília (bem antes de ser oficializado), ofereceu-se para realizar a orquestração do mesmo, o que muito me lisonjeou!

Sua primeira esposa, professora Liddy Chiafarelli Mignone (tragicamente desaparecida em desastre de avião), foi minha mestra no curso de Didática da Iniciação Musical - estágio intensivo; sua segunda esposa, conhecida pianista Josephina Mignone, foi minha

aluna durante algum tempo, quando trabalhei como assistente da insigne mestra Magda Tagliaferro.

Por tudo isso, pode-se concluir o quão próxima me sinto da ilustre família Mignone!

Aqui vão, pois, algumas "pinceladas" do expressivo *curriculum vitae*, numa visão global e, de certa forma, resumida, ao comemorar o centenário de seu nascimento.

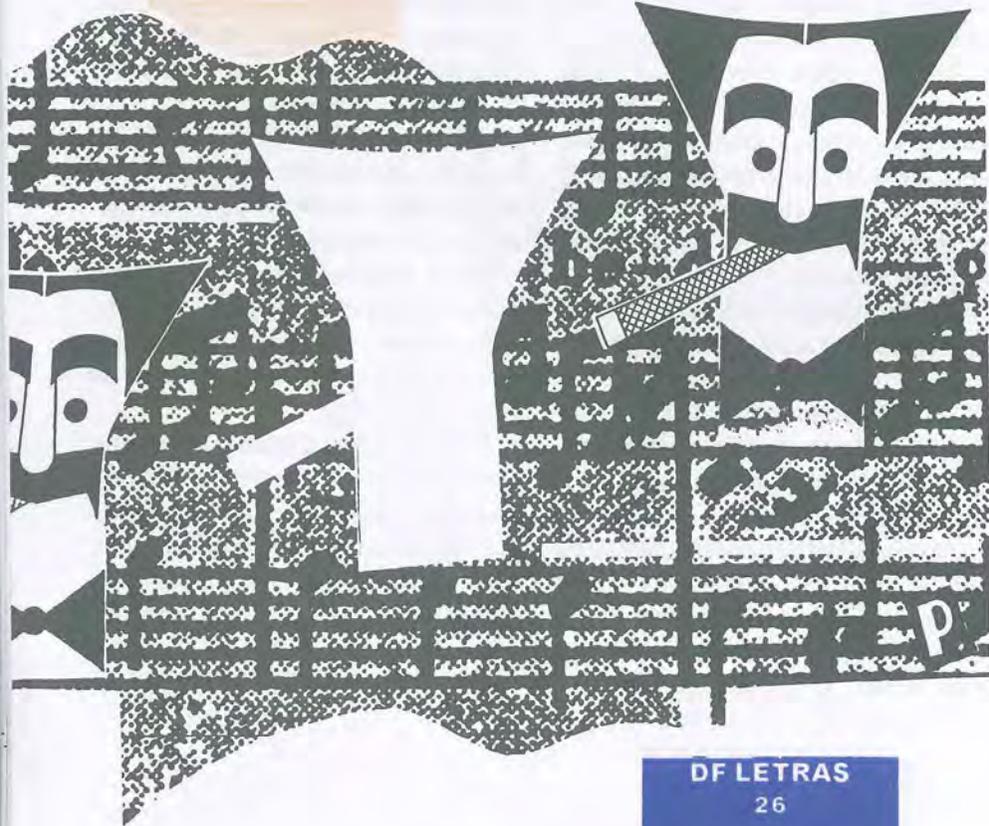
Nascido em São Paulo, a 3 de setembro de 1897, Francisco Mignone - que se notabilizou como pianista, maestro e compositor - era de ascendência italiana por parte de seu pai, Alferio Mignone, ótimo flautista e professor do Conservatório de São Paulo.

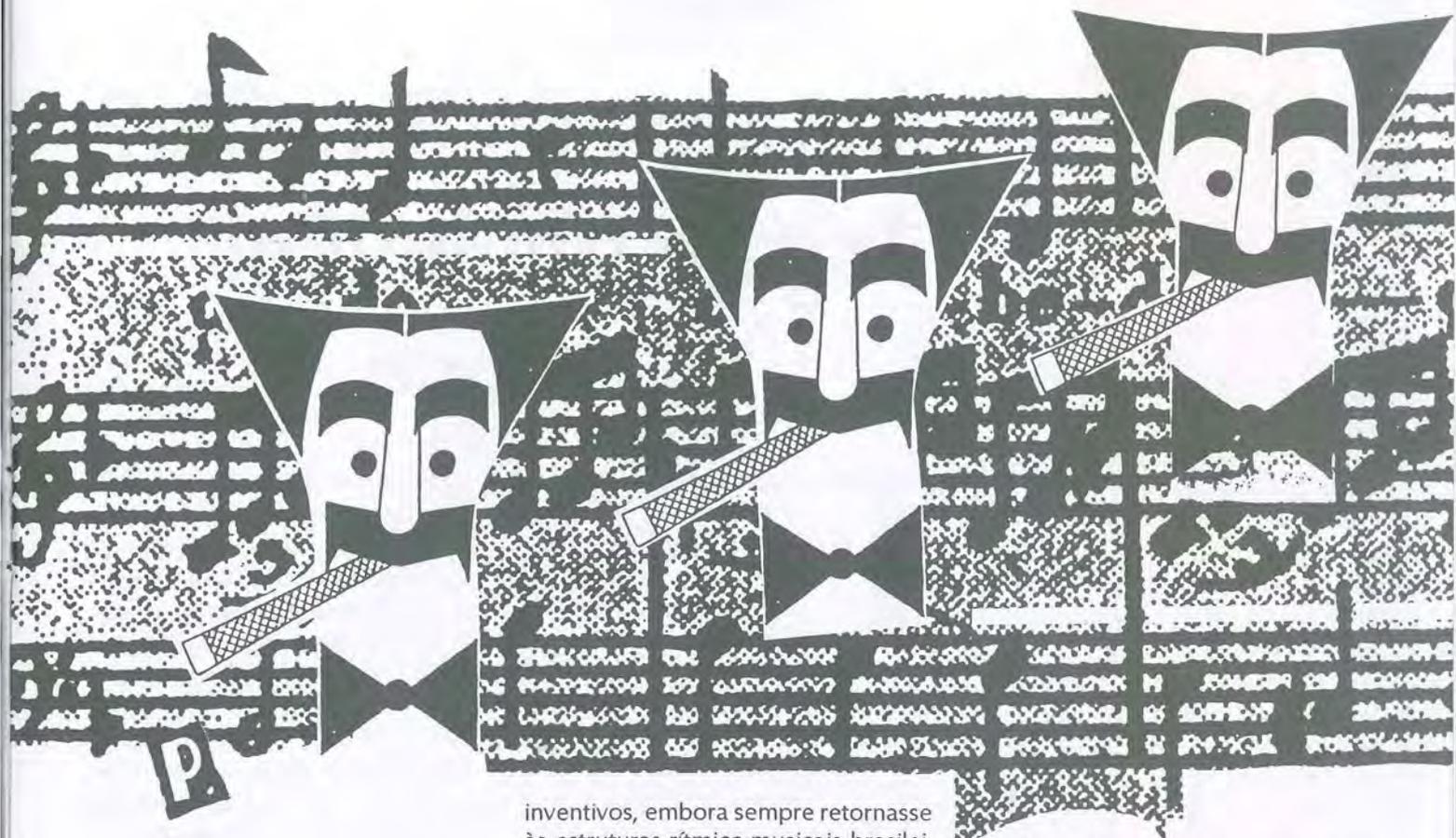
Desde tenra idade Francisco já manifestara seus dotes musicais através do piano (aluno de Sílvio Motto) e da flauta, sob a orientação do seu próprio pai. Seu talento para composição, ainda adolescente, foi motivo de orgulho de seus mestres Savino de Benedictis e Agostinho Cantú e, do primeiro repertório do jovem musicista, a maioria das peças era de cunho eminentemente popular.

Iniciando sua carreira como compositor, alcançou autêntico sucesso em 1917, quando foram aplaudidos seu **Poema Sinfônico**, além de **Caramuru** e da **Suíte Campestre** (peças orquestrais). No Rio de Janeiro foi executada a sua famosa **Congada**, bailado que chegou a merecer de Ricardo Strauss a sua inclusão no repertório quando da estréia da Filarmônica de Viena no Brasil.

Com entusiasmo, à vista de tantos êxitos, Mignone recebeu da Comissão de Pensionato Artístico de São Paulo uma bolsa para estudar na Europa, precisamente na cidade italiana de Milão, onde muito progrediu com o mestre Vincenzo Ferroni.

Permanecendo na Europa até 1929,





seu talento como compositor chegou a grandes alturas com **Cenas da Roça**, **Intermezzo Lírico**, **Noturno-Barcarola**, **Momus**, **Festa Dionísica**, **No Sertão** (sob inspiração do livro de Euclides da Cunha), **Suíte Asturiana** (homenagem à Espanha), **Maxixe**, de ritmo tipicamente brasileiro e a ópera **L'Inocente**.

Até então, a quase totalidade de suas obras obedecia a moldes de raiz italiana; entretanto, retornando ao Brasil, decidiu, realmente, daí por diante, compor segundo o sistema rítmico brasileiro.

Colaborou deveras, para isso, o admirável musicólogo Mário de Andrade que, com muito dinamismo, desenvolveu, em São Paulo, importante campanha junto aos compositores nacionais, no sentido da fidelidade às formas musicais de nosso país.

Mignone tornou-se logo amigo e fã ardoroso de Mário de Andrade, concordando plenamente com aquela tese, tão compreensivelmente óbvia. A propósito, o maestro Mignone impregnou fartamente do "toque" brasileiro sua linda **Fantasia Brasileira para Piano e Orquestra**.

Contudo, o genial compositor, vez por outra, enveredava por plagas musicais diferentes, isto é, diversificando seus caminhos artisticamente

inventivos, embora sempre retornasse às estruturas rítmico-musicais brasileiras. A propósito, esse dilema, que, por vezes o perseguia, foi motivo de interessante autocrítica que ele denominou **A parte do Anjo**, comemorando, em 1947, o seu cinquentenário.

Sem dúvida alguma, sua carreira teve, a partir de 1933 (quando passou a residir no Rio), seu ponto culminante com os bailados **Maracatu do Chico Rei** (1934) e **Leilão**, além das peças sinfônicas **Batucajé** e **Babaloxá** (1935), em **Iara** (1946); no **Espantalho** (inspirado nas telas de Portinari); na **Sinfonia do Trabalho** (consequência de sua adesão às doutrinas do Socialismo); na **Festa das Igrejas** e nos **Quadros Amazônicos**; nas **Lendas Sertanejas**, nos **6 Estudos Transcendentes**, na **Sonata**, nas **Valsas de Esquina** e nas **Valsas-Choros** (estes para piano); no **Sexteto** para piano, flauta, oboé, clarineta, trompa e fagote - e, em **Urutau**, o pássaro fantástico, para fagote, clarineta, flauta, flautim e piano a 4 mãos.

Podemos acrescentar, ainda, suas numerosas canções, destacando-se: **Seis Líricas**, **Menina Boba** com poesia de Oneida Alvarenga e o ciclo inspirado no **Rubayat** de Omar Khayam, além de algumas melodias valorizando poemas de Manuel Bandeira, autor também do texto de sua obra vocal, a **Oratória Alegrias de Nossa Senhora**.

A partir de 1934 foi professor de regência do Instituto de Música do Rio de Janeiro (hoje Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Festejadíssimo como compositor e pianista, também o foi como regente, não só no Brasil, como na Itália, Alemanha e Estados Unidos. Em Brasília, Mignone realizou vários recitais e regeu a Orquestra do Teatro Nacional Cláudio Santoro. Gravou vários *long plays* e CDs que são sempre procurados por seus fiéis admiradores.

No Rio de Janeiro, sob a direção de Josephina Mignone, sua viúva (que marcou época nos recitais a 2 pianos com seu esposo e mestre), o Centro Cultural Francisco Mignone tem como principal objetivo divulgar o importantíssimo acervo do maestro no Espaço Cultural FINEP. Recentemente, o notável músico tornou-se patrono da Cadeira nº 65 ocupada pela ilustre maestrina Elena Herrera na ALMUB. É, pois, com justo orgulho que comemoramos este ano o centenário de nascimento daquele que presenteava e continuará presenteando o Brasil e o mundo com sua música imortal: Francisco Mignone.

Neusa França, musicista, pianista e compositora, é presidente da ALMUB - Academia de Letras e Música do Brasil.

Autores de Brasília? Jogam um bolão!

□ **Luiz Manzollilo**

Correspondente do *DF Letras* em Miami (EUA)

Três assuntos literários se me embaralham e quero coarctá-los em poucas laudas. Vejo o nº 31/34 do *DF Letras*, o primeiro "reformado" que me chega, e insopito o entusiasmo pela nova feição e conteúdo. Ao final da leitura ávida, o lamento pelas exíguas 36 páginas (ué, acabou?). Loas aos que o fazem, ao deputado Luiz Estevão e a toda a Câmara Legislativa pela benfazeja ponta-de-lança literária no ancestral festival de incultura que assola o país. Prolifere o exemplo, nossas letras precisam e merecem tribunas desse jaez.

Dentre tanta matéria de qualidade, como a sensível crônica de Luiz Adolfo Pinheiro **A Esplanada dos Mistérios** e o belo encarte **DF Resenha**, fico com o artigo de José Hélder de Souza, **A Videocultura e o Mandarinato**, pela sua importância no panorama das letras. Além de deitar farta informação, não fosse o autor um competente jornalista, traz à luz o debate em torno do futuro do livro. Destacam-se ali duas abordagens: a afirmação de mestre Antonio Houaiss, em entrevista que já conhecia, de que, "nós vamos saindo de uma sociedade ágrafa para outra sociedade ágrafa: uma que não chegou a consumir o livro para uma que vai dispensar o livro." Aduzo que

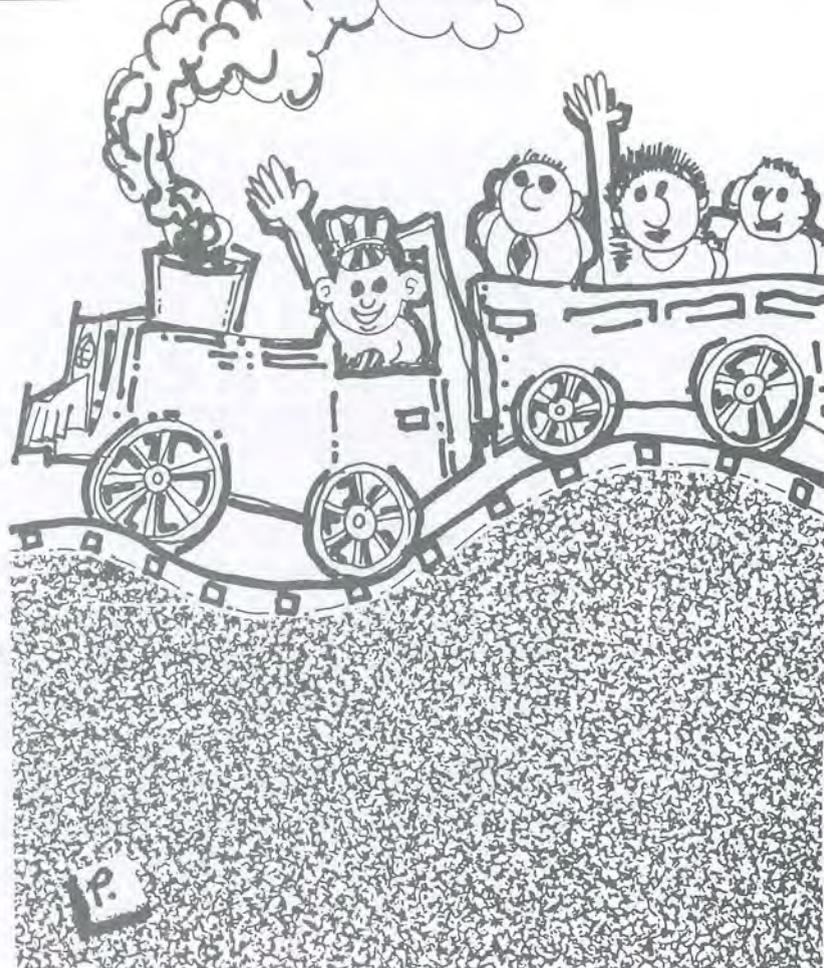
a atualmente ágrafa é a sociedade que não foi, nem é, educada para ler, enquanto a ágrafa adventista é a já avassalada pelos meios eletrônicos de comunicação.

Sobre a competição entre o livro e o K7, traz Hélder que, enquanto foram vendidos 2,2 milhões de cópias eletrônicas (1992), a venda de livros andou pelos R\$ 100 mil. É triste. É muito pouco. É um tico mais do que no Império. Mesmo que, de 92 para cá, tenha quadruplicado, continua um tico. Cultivando o vício do otimismo, vi que foi bom o autor concluir, com Moacyr Scliar, que a literatura há de sobreviver. Cita, inclusive, fontes americanas afirmando que também nos Estados Unidos o livro é, cada vez mais, derrubado pela televisão.

Tanto isso é verdade que o problema foi rastreado na Casa Branca pelos assessores intelectuais da *light left* democrata. Com uma diferença: nos domínios do *Uncle Sam* a reação costuma ser pronta: Bill Clinton, entre o primeiro e o segundo mandatos, lançou um programa de reincentivo à leitura, da ordem de US\$ 3 bilhões. Já em execução. Surpreendente é que a venda de livros nos EUA deve andar pela casa dos US\$ 8 bi/ano, o que, em contraste com o ridículo mercado brasileiro, pode significar centenas de milhões de exemplares. Acresce, como fenômeno típico americano, que Nova York é a cidade em que mais se vê televisão e mais se lê no mundo. Aliás, penso, não será por



essa bitola de trem da roça que o Brasil não alcançou ainda as graças do Nobel das letras? Os Amado, Cabral, Lobato, Lygia, Drummond, Graciliano, Callado, Rosa, não mereceriam? Ainda a questão do mercado: agentes e editores locais, ante um escritor terceirista pretendente ao "supermercado" (no sentido próprio e no metafórico), querem saber, para que lhe abram as portas, quantas cópias já vendeu e quanto faturou no país de origem. Dura explicar como, num país de



tamanho PIB, o mercado é tão exiguo e as tiragens tão minguadas.

O que há a destacar, na comparação entre o maior mercado do mundo e um dos piores - o brasileiro -, inferior ao México, Cuba, Chile, Argentina, Peru e Colômbia, são as diferenças gritantes, algumas das quais seriam corrigidas de pronto, houvesse uma vigorosa intenção *faciendi*. Como disse em entrevista ao **DF Letras**, povo que não lê está sempre à beira da alienação. Até a camada culta padece do vezo agráfico: em reunião do PSB/DF, indaguei quem já havia lido Lênin: só o Abreu levantou o braço. O que ocorre nos EUA? Educação para o livro: o martelar dos professores e a massa de propaganda nos EUA, independente da ação de Clinton, são percucientes - os meios de comunicação, inclusive os eletrônicos, abrem, de fato, espaço para autores e livros, como no show da Oprah Winfrey e no About Books, no New York Times, no USA Today e no The Miami Herald. Custos menores: em função das elevadas tiragens e do

papel mais barato, por mais leve que seja o brasileiro, o reflexo incide no custo do transporte. Investimentos maciços, pacientes: o retorno é lento em matéria de livros. Intercâmbio comercial: entre as editoras universitárias e as bibliotecas, subsídio notável para as edições *hard cover* (em 94, pesquisadora americana foi à Thesaurus e, pasmem, comprou livros meus e de outros para a Biblioteca do Congresso, a maior do mundo). Marcante queda do preço de capa nos *paper back*: filosofia que é a grande tônica da economia de escala do Primeiro Mundo, com ênfase nos EUA: produzir muito para vender barato.

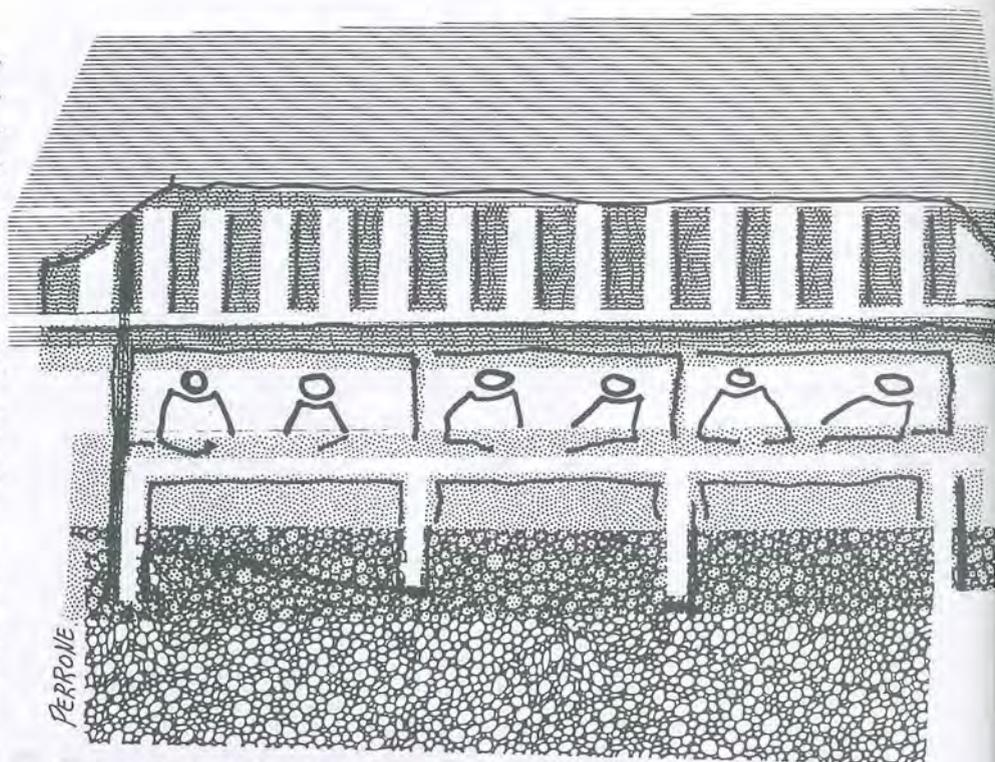
Lógico que a renda influi, o iaque ganha 8/10 vezes mais que o brasileiro e nós não vamos concorrer em nada enquanto tivermos salários tão vis. Mas a educação é primordial. Última Feira Internacional do Livro de Brasília, um livreiro de Cuba me contou que, a despeito do embargo e da penúria do seu povo, nos lançamentos literários (é bem verdade que a

preços subsidiados) ocorrem filas imensas. A questão é que o cubano, ao contrário do brasileiro, é educado para a leitura, privando-se de uns *frijoles* mais condimentados ou de umas baforadas charuteiras para ter um livro, enquanto o brasileiro, embora se queixando da baixa renda, não dispensa uma pizza familiar para comprar uma boa obra. No entanto, patricios ilustradíssimos alertaram que devíamos ter "Livros! Livros às mancheias!" e que

"Uma nação se faz com homens e livros".

Mui a propósito - eis o terceiro assunto -, sou sabedor que se reacende uma polêmica na Capital Federal: a de que, na visão de certos críticos, Brasília não possui boa e significativa literatura. Ora, proporcionalmente à idade e à população, o DF tem o maior número de prêmios literários concedidos pelos mais conspícuos sodalícios, pelas grandes marcas. Anderson Braga Horta é, talvez, o campeão nacional de prêmios, o Ronaldinho da poesia. Alan Viggiano já abiscoitou três da Academia Brasileira de Letras (nem sei porque os dois já não envergaram o fardão). Almeida Fischer teve dois, igual número de Antonio Carlos Osório e J. Geraldo. Luiz Adolfo recebeu o mesmo que o articulista, o Afonso Arinos. Napoleão, Cotrim, Santiago, Cazarré, Cassiano, Taveira, Yone e J. Alcides não ficaram atrás. Pertencem, ou pertenceram, à ABL Sarney, Villaça e Carlos Castello Branco, não entrando JK por birra da ditadura.

De outro lado, queixam-se os escritores da pouca divulgação, das raras resenhas (Cassiano Nunes e Décio de Almeida Prado assinalam que a crítica sumiu). Jornalista amigo, cujo nome me dispense citar, afirmou-me certa vez que, para entrar na *media*, havia que ser editado por uma grande editora. Foi realista: de fato, em certos periódicos, a porta da seção cultural é a do departamento comercial. A realidade é que, seguindo a toada brasileira, não temos ainda no DF um bom mercado, o que poderá ser corrigido com três fatores: a reabertura dos espaços da *media* ao beletismo; o advento, já em curso, da cooperativa distribuidora do Pólo Editorial (que já monta um bom marketing), à qual aderiram maciçamente as editoras do DF, e a maior circulação de revistas como o **DF Letras**. O mercado gaúcho fez coisa parecida e hoje logra esgotar muitas edições em suas guapas fronteiras.

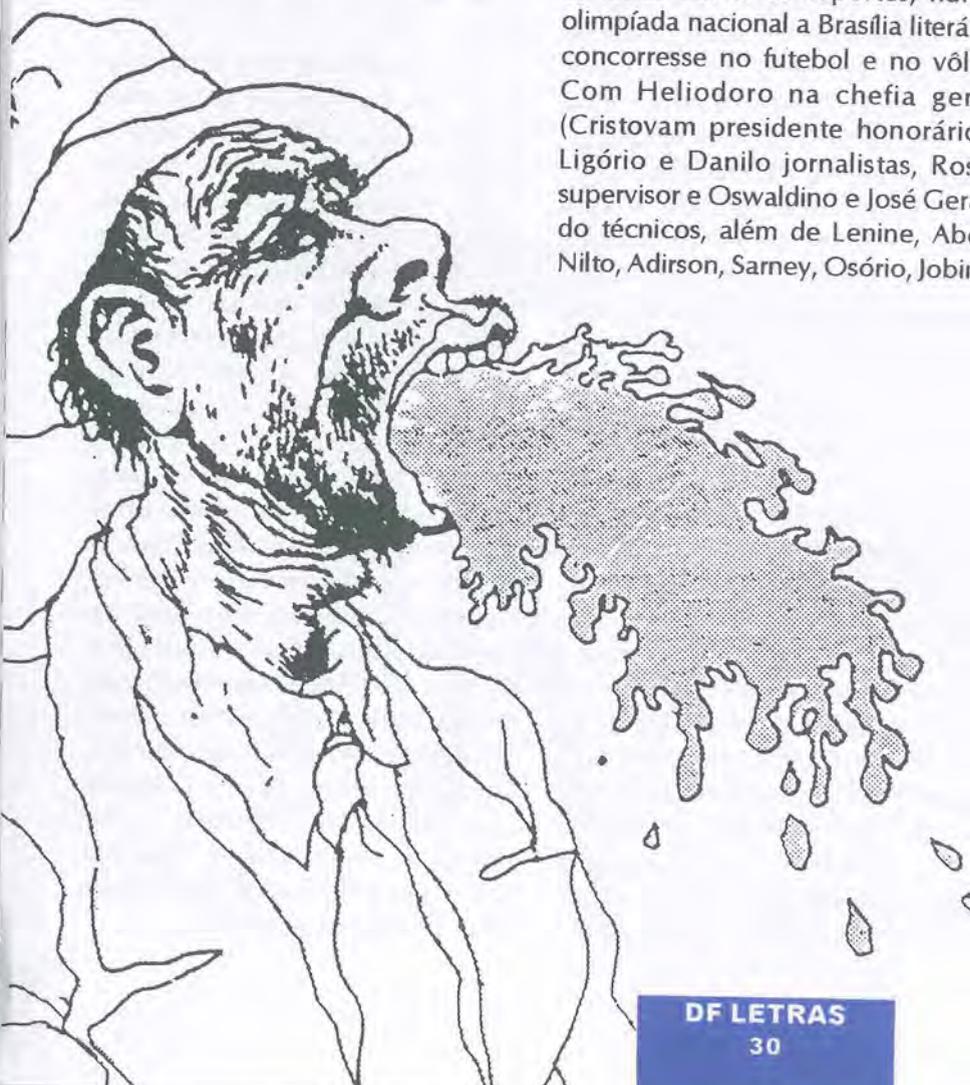


Quanto à qualidade, que alguns desdenham, sou suspeito para bancar o advogado de defesa em causa própria. Mas figuremos que, fossem as letras como os esportes, numa olimpíada nacional a Brasília literária concorresse no futebol e no vôlei. Com Heliodoro na chefia geral (Cristovam presidente honorário), Ligório e Danilo jornalistas, Rossi supervisor e Oswaldino e José Geraldo técnicos, além de Lenine, Abel, Nilto, Adirson, Sarney, Osório, Jobim,

Zé Aparecido, Passarinho, Leão e Áureo como dirigentes/representantes; e os jogadores Emanuel e Alan (goleiros), na linha Santiago, Cassiano, Luiz Adolfo, Villaça, Jacinto, Estellita, Kothe, Zé Maria, J. Alcides, Lustosa, Cazarré, Wilson, Nedel, Pessek, Viriato, Zé Hélder, Taveira, Joanyr, Napoleão e Anderson (este como capitão), além de Heitor Martins e este que lhes fala como "espíões" internacionais, esse time precisava ter medo de alguém? Auto-excluindo-me, reconheça-se que estilo, linguagem, densidade conteudística não faltariam.

No vôlei feminino, Branca e Léa Sayão como técnicas, e as estrelas Aglaia, Regina Stella, Kori, Marly, Sofia, Patriota, Hilda, Zita, Marlene, Yone, Astrid e Terezy, não seria pras cabeças? Mais: embora saudosamente no espaço, Beltrão, Miketen, Bandeira, Yolanda, JK, Esmerino, Olympiades, Berecil, Castellinho e Fischer não seriam excelentes anjos de guarda conselheiros? Mas o público, que lê e julga do seu senso estético, melhor diria, com certeza exclamando: mas jogam um bolão!

Luiz Manzolillo, escritor, poeta e crítico literário, reside atualmente em Miami.





Foi nesta época que Anchieta se aprofundou nos estudos e nas orações, escrevendo um poema sobre Nossa Senhora com mais de 5 mil versos.

ANCHIETA

e a cultura brasileira

No último dia 9 de junho comemorou-se em todo o país o 4º Centenário da morte do padre José de Anchieta, na cidade de Retiba, hoje Anchieta em sua homenagem, no Espírito Santo. Somando-se a estas manifestações, o Fórum de Brasília, realizado em 25 de junho passado, convidou o padre e professor, José Carlos Brandt Aleixo, para proferir uma palestra sobre a influência de Anchieta na cultura brasileira. Durante a realização do Fórum foi empossado, também, o Conselho Editorial da revista **DF Letras**.

Nestes mais de quatro séculos de contribuições dos jesuítas à cultura do país é inegável o trabalho dos padres Manoel da Nóbrega e

José de Anchieta. Segundo José Carlos Brandt, Anchieta, espanhol de nascimento, foi estudar em Coimbra, Portugal, que naquela época era um grande centro de pesquisas e estudos. Anchieta acabou por entrar na Companhia de Jesus, ordem dos jesuítas, em 1540, sendo designado para trabalhos de catequese no Brasil.

Primeiramente, chegando em Salvador, Anchieta seguiu para a capitania de São Paulo onde, sob a orientação do padre Nóbrega, deu início ao trabalho de organizar e escrever a língua mais falada no litoral brasileiro, o tupi, para facilitar as ações de evangelização dos nossos índios. Ele compôs a primeira gramática tupi. Além disso, foi um dos





**Luiz Estevão deu posse
aos treze membros do
Conselho Editorial do DF Letras
em concorrida solenidade**

fundadores do Colégio Piratininga, dando origem à cidade de São Paulo, em 1554. Ensinou latim, português e desenvolveu métodos de aprendizagem em língua tupi. Foi excelente negociador da paz entre portugueses e índios.

Foi nesta época que Anchieta se aprofundou nos estudos e nas orações, escrevendo um poema sobre Nossa Senhora, com mais de 5 mil versos, sendo um dos mais longos da língua latina. Ele desenvolveu ainda outras técnicas no processo de evangelização, tais como o teatro, além da poesia épica, do gênero epistolar, onde descreve a cultura, a fauna, a flora e outros hábitos dos índios brasileiros. Anchieta é considerado patrono dos professores, tendo desenvolvido, também, trabalhos na área de saúde e de engenharia, abrindo um caminho entre a cidade de São Paulo e a costa. A atual via Anchieta, que vai para Santos, é uma homenagem ao trabalho

do jesuíta. Por todas essas ações o padre José de Anchieta contribuiu de forma significativa para a formação da cultura brasileira.

Conselho

A realização do Fórum Brasília, presidido por Newton Rossi, contou com as presenças de Afonso Heliodoro dos Santos, presidente do Instituto Histórico e Geográfico do DF, Guido Mondim, ex-ministro do TCU, Victor Alegria, presidente da Câmara do Livro Brasil-Central e da escritora Branca Bakaj, além de personalidades dos meios literários de Brasília.

A posse dos primeiros membros do Conselho Editorial da revista **DF Letras** foi presidida pelo deputado distrital Luiz Estevão, vice-presidente da Câmara Legislativa do DF e responsável direto pela publicação cultural do Poder Legislativo local. Ao empossar os novos conselheiros, Luiz Estevão disse que resgatava um compromisso assumido com escritores brasileiros, logo que se tornou vice-presidente da Câmara Legislativa: valorizar os escritores de Brasília e fazer do **DF Letras** um veículo destinado aos produtores culturais do Distrito Federal.

Conselho Editorial

Eis a composição do Conselho Editorial do **DF Letras**:

- I **João Carlos Taveira** - Representante da Vice-Presidência da CLDF;
- II **Francisco de Assis Machado da Nóbrega** - Representante da Coordenadoria de Editoração e Produção Gráfica;
- III **Flávio René Kothe** - Representante do Sindicato dos Escritores;
- IV **Afonso Ligório Pires de Carvalho** - Representante da Associação Nacional dos Escritores;
- V **Margarida Patriota** - Representante da Academia Brasiliense de Letras;
- VI **João Henrique Serra Azul** - Representante do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal;
- VII **José Ferreira Simões** - Representante da Academia Taguatinguense de Letras;
- VIII **Mauro Cunha Campos de Moraes e Castro** - Representante da Academia de Letras de Brasília;
- IX **Lenine Fiuza Lima** - Representante da Academia de Letras do Distrito Federal;
- X **Palmerinda Vidal Donato** - Representante da Academia de Letras e Música do Brasil;
- XI **José Geraldo** - Representante da Academia de Letras do Brasil;
- XII **Fagundes de Oliveira** - Representante da Academia Maçônica de Letras do Distrito Federal;
- XIII **Francisco Gustavo de Castro Dourado (Armagedom)** - Representante da Academia de Trovadores do Distrito Federal.

Neusa França recebe título

A Câmara Legislativa concedeu o título de Cidadã Honorária de Brasília para Neusa Pinho França de Almeida, atendendo requerimento do deputado distrital Tadeu Filippelli, líder do PMDB-DF.

Segundo o deputado, a homenagem é um reconhecimento da cidade por tudo o que ela fez em prol da arte brasileira no Brasil e no exterior, especialmente na capital do País. Professora de música, compositora e pianista, Neusa França é presidente da Academia de Letras e Música do Brasil desde 1994.



Conselho

O escritor brasileiro Lenine Fiuza participou no mês de junho passado do II Congresso das Academias de Letras do Brasil, realizado em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro. Na oportunidade, Fiuza apresentou uma moção, aprovada unanimemente e que faz parte da Carta de Nova Friburgo, elogiando a iniciativa do vice-presidente da Câmara Legislativa do DF, deputado Luiz Estevão (foto), em nomear os membros do Conselho Editorial do **DF Letras** "composto pelas mais importantes entidades literárias do Distrito Federal".

Brasilienses nos EUA

Homens de letras que saíram de Brasília e, de uma ou de outra maneira, residiram, trabalharam ou se fixaram nos Estados Unidos: **Heitor Martins**, das Academias Brasileira de Letras e de Letras do Brasil (com sua **Marlene**, poetisa), há três décadas no país de Mark Twain, professor de Letras Espanholas e Portuguesas de Indiana University; **Luiz Manzolillo**, da Academia de Letras do Brasil, em Miami desde 1944, que recém-publicou, pela LGE, **Pão de Barro**, romance, e **A Barca de Ceres**, contos e novela; **Francisco Pelúcio**, ex-secretário do *Jornal de Bra-*

sília e Assessor de Imprensa da Embaixada Americana, emérito tradutor, aposentado do UNICEF, residindo em Miami; **A. Fonseca Pimentel**, da Academia Brasileira de Letras, que faz ponte-aérea BSB-New York, em razão de sua atuação junto à ONU; **Victor Alegria**, que expõe anualmente as obras da Thesaurus Editora e da Thesaurus Publishing na Miami Book Fair International; o poeta **Joanyr de Oliveira**, que morou *coast-to-coast* e lá escreveu e publicou; e os que estiveram no passado, lecionando letras: os poetas-professores **Cassiano Nunes**, **José Santiago Naud** e **Osvaldino Marques**.

Novo dicionário

Antônio Houaiss e Mauro Villar preparam o maior dicionário da língua portuguesa, que terá 270 mil verbetes. O filólogo Houaiss e o lexicógrafo Mauro dividem a direção do trabalho de 36 técnicos do Brasil e quantidade igual de colaboradores especialistas. Em Portugal, são mais 15 pessoas, fora os ajudantes africanos e asiáticos que atuam nesse projeto, orçado em US\$ 6 milhões. A publicação do dicionário está marcada para o ano 2000, como complemento das comemorações pelos 500 anos do descobrimento do Brasil.

Feira do Livro de Brasília

De 26 de setembro a 5 de outubro será realizada a XV Feira do Livro de Brasília e IV Feira Internacional de Cultura, no Centro de Convenções Ulisses Guimarães. A Câmara do Livro propõe aos deputados distritais que o evento seja incluído no Orçamento de 98 do GDF, com destinação de recursos, a exemplo do que já ocorre com outras feiras de livros no Rio, São Paulo, Ceará, Bahia, Pernambuco e Paraná, a fim de promover sua realização no próximo ano e a sua inclusão no calendário cultural da cidade.

Academia de Paris

A escritora Nazareth Tunholi alcançou a segunda colocação no Grand Concours International/1997, da Academia de Lutèce, em Paris, com o ensaio filosófico "Considerações Básicas para o Entendimento da Ética na Literatura". No dia 4 de outubro, Nazareth receberá a "Medaille de Vermeil", por ocasião da festa anual da academia.

Imortal

Os meios literários de Brasília continuam esperando com grande expectativa a próxima eleição para a Academia Brasileira de Letras (ABL). O candidato do DF à Cadeira nº 15, na vaga do imortal Dom Marcos Barbosa, é o escritor brasileiro Adirson Vasconcelos. O escritor tem o apoio e o incentivo de inúmeras entidades culturais do DF e tem mais de duas dezenas de livros publicados, destacando-se os seguintes por terem sido reconhecidos como didáticos: **A Mudança da Capital**, **A Epopéia da Construção de Brasília**, além de outras obras importantes.





Câmara Legislativa
do Distrito Federal

Presidente:
Lucia Carvalho
Vice-Presidente:
Luiz Estevão

Conselho Editorial

João Carlos Taveira, Francisco de Assis Machado da Nóbrega, Flávio René Kothe, Afonso Ligório Pires de Carvalho, Margarida Patriota, João Henrique Serra Azul, José Ferreira Simões, Mauro Cunha Campos de Moraes e Castro, Lenine Fiuzza Lima, Palmerinda Vidal Donato, José Geraldo, Fagundes de Oliveira, Francisco Gustavo de Castro Dourado (Armagedom)

Editoria DF Letras:

Chico Nóbrega

Programação Visual:

Marcos Lisboa

Editoração Eletrônica:

Claudio Gardin

Capa:

Equipe do DF Letras

Fotografia:

Fábio Rivas

Revisão:

Anamaria Silva Pinheiro, Glória Iracema D. F. Alencar e Vania Maria Codeço Velloso

Ilustração:

Ana Caçador, Margarete de Cássia, Claudio Gardin e Marcelo Perrone

Digitação:

Gilberto Lucas e Crissoulla Papas

Coordenadoria de Editoração e Produção

Gráfica:

Márcia Machado e Oscar Monterrojas

Chefia da Seção de Editoração:

Ivan Carvalho

Equipe:

Antônio Eufrauzino, Apolo Guandalini, Cláudio de Deus, Dino Souza, Hélio Araújo, Marizete F. de A. Amaro, Nelci Stein, Nilza Márcia Gerin, Sérgio Cáceres Teobaldo André

Chefia da Seção Gráfica:

Randal Martins Junqueira

Equipe:

Abimael Amorim, Adielton Godoy, Antonio A. dos Santos, Antônio Carlos Pereira, Carlos A. de Macedo, Celso Santana, Claudio Quilici, Denilson Caldas, Edson de Lima, Francisco C. Bezerra, Glacy Barrozo, Irani de S. Araújo, Ivanildo de A. Silva, Jonatas Martins, José C. de Sousa, José Gomes, José Bergamaschi, José de Albuquerque, Lázaro Tolentino, Luiz Fidyk, Nicanor F. Ricardo, Ottniel S. Fonseca, Raimundo Nonato T. Carvalho, Reinaldo Andrade, Sebastião Peres, Silvio R. Fonseca, Vicente Lima e Wilton Pimentel

Tiragem:

5 mil exemplares

Esta edição compreende os nºs 35 a 38, meses de jan./fev./mar./abril/1997. Os autores das matérias publicadas não recebem qualquer valor pecuniário e é de sua inteira responsabilidade o conteúdo das mesmas.

Redação:

Coordenadoria de Editoração e Produção

Gráfica

Fones: (061) 348-8412 e 348-8959

Fax: (061) 348-8316

Câmara Legislativa do

Distrito Federal

SAIN - Parque Rural

CEP 70086-900 - Brasília-DF

Memória

No momento em que se organizam, nas escolas, os cursos de literatura da região do DF, conquistada da Assembléia Legislativa do DF, acrescentar-se-ia ainda mais uma contribuição aos nossos cursos se a Assembléia pudesse prestigiar as escolas oficiais com uma assinatura de sua excelente publicação.

As matérias veiculadas na revista constituem um vigoroso documento da memória viva do Distrito Federal e seu Entorno, informações a que dificilmente teriam acesso professores e alunos, pelos meios convencionais de comunicação.

Josira Sampaio - DF

Sensibilidade

Tomei conhecimento da existência da DF Letras através de um amigo, que, na ocasião, me brindou com um exemplar em que eram abordados, com muita propriedade e sensibilidade, trechos da vida e obra da nossa querida e saudosa Cora Coralina.

Pelo fato de ser um bibliófilo confesso, fiquei admirado com a qualidade gráfica e editorial por vocês mantida.

Costaria de registrar que, independentemente do fato de ser, ou não, privilegiado com uma assinatura, venho a público parabenizar a Câmara Legislativa pela iniciativa, e ao público leitor brasileiro por poder contar com essa bela publicação.

Cordialmente,
Luiz Antônio Sócrates
Teixeira - DF

Independentes

Venho por meio desta elogiar o trabalho que vem desenvolvendo frente à editoria do DF Letras, bem como propor a utilização dos meus serviços de jornalista sem ônus para a mesma.

Mestre, parabéns pelo trabalho.

Anand Rao - DF

Entusiasmo

Com alegria e entusiasmo, recebo o DF Letras, ano III, nº 27/28, cuja apresentação merece elogios.

Reconheço a importância das matérias que esse veículo proporciona aos leitores e desejo-lhe progresso num caminho de luz, de esperança e de felicidade.

Cordialmente,

Benedito Pereira da Costa - DF

Brilhantes

DF Letras chega plena de excelentes matérias informativas e brilhantes artigos, tais como "Canu-

dos - a revolta de um povo", de Jozafá Dantas e "Rosário Fusco - Gênio Incompreendido", de Ronaldo Cagiano.

DF Letras é uma revista para se ler, emprestar e guardar...

Parabéns a todos pelo belo trabalho.

Um abraço fraterno.

Osael de Carvalho - RJ

B A M !!!

Gostaria de parabenizar toda a equipe de redatores e editores da revista DF Letras que me foi enviada, que muito tem contribuído pela democratização da informação cultural da nossa Brasília, tão carente de entidades francamente dispostas à popularização da arte escrita.

Ao mesmo tempo ratifico o envio de material de divulgação de meu novo livro "Bam! Poesia para quem tem entre um par de ouvidos, cérebro" (Litteris Editora, R.J.), a ser lançado na Bienal Internacional do Rio de Janeiro.

Atenciosamente,

Timm Martins - DF

Excelente

*Não lamento os tropeços do caminho
Nem me revolto contra o sofrimento.
Toda rosa afinal tem muito espinho,
E tem um preço todo encantamento.*

Acuso o recebimento da Revista DF Letras, nºs. 29/30.

Registro aqui minha imensa satisfação em poder usufruir de toda a beleza desse magnífico informativo.

Fiquei deslumbrado com um trabalho feito com muito gosto, excelente padrão gráfico, seriedade nos assuntos tratados e formato mais bonito, que acabou impregnando minha alma dos mais suaves aromas.

Abençoados sejam os que promovem a fraternidade através de sábios exemplos.

Fraternalmente,

Doumerval Tavares Fontes - SP

Canto para Renascer

□ Hamilton Pereira (Pedro Tierra)

"Sube a nacer conmigo, hermano"

Neruda

Para Antônio Benetazzo, assassinado.

Dá-me tuas mãos de ausência,
irmão,
desde a profunda escuridão
de tua dor, sepultada
por séculos de mentira.

Pela palavra
— verso vazado,
espada de sol
e centelha —,
te resgatarei
do chão dos mortos.

Em minha boca
de clamores e silêncios
retomas nesta hora tardia
do tempo que te sucede,
a lenta substância dos rios.

Por teus próprios passos
retomas das cinzas
que a morte de impôs.
Rebelado e incorpóreo
visitas os depósitos murados
pelas baionetas do Tempo.

Sob os olhos engatilhados
dos fuzis,
recolhes entre os destroços
deste sonho de Liberdade
que perseguias,
pedaços de esperança,

antigos relâmpagos
sem luz e sem urgência,
os sapatos desatados
de teus irmãos
de marcha e de massacre,
a dor,
o canto devorado
pelo silêncio dos quartéis,
esta intensa matéria-prima
de mel e fulgor
que nutre a vida humana
e a humana resistência.

E adivinho, com as pupilas
gastas
pela voracidade dos refletores,
teu coração recobrando a
surda força
dos vulcões e o sangue
- lava submetida -
voltando a fluir entre os ossos.

Do fundo deste rio
de palavra e agonia
que desatei,
vislumbro tuas mãos
- pássaros renascidos -
a recortar o espaço
em madeira e memória,
a convocar sobre a tela
do tempo que testemunhas,
a multidão inumerável

de violetas, gerânios,
rosas, ibiscos, jasmims,
o sangue breve dos cravos,
a cor profunda do barro
que a mão humana plantou,
a funda espera do Povo,
a marcha do Homem Novo
que o Homem Novo sonhou.

E martelo
um canto de força
que sobe do fundo,
da raiz dos homens,
um canto na praça
traçado na marcha
do Povo sem nome:
um canto pra renascer.

Recolho teus passos.
As marcas deixadas,
no muro e no peito,
os dedos feridos, as mãos, por
fim,
recompostas,
e te entrego ao Povo
com um verso de aço
e pungência:
Antônio Benetazzo,
o que amava a pintura
e foi assassinado,
o acendedor de meteoros,
contra a noite, contra a morte
está entre nós e permanecerá!

Hamilton Pereira é Secretário de Cultura e Esportes do DF. Mais conhecido como Pedro Tierra, o poeta publicou uma série de livros, entre eles, "Poemas do Povo da Noite", com edições na Itália, Espanha e Alemanha. Pedro Tierra é membro do Diretório Nacional do PT desde 1987.

Sem título

Numa estrela das Três Marias
um homem trabalha eufórico mil anos
antes de merecer o dia de repouso
E irá descansar mil dias
antes de entregar o fogo de seu grito
e o modular de seu frêmito

Ouçõ a montanha responder
com a minha mesma indagação lerda
Um grito da infância
retornando de uma estrela
Estica num clarão extinto
o beijo de uma morta

Arrasta-se entre folhas entre músculos
essa mesma gosma esmaecida mole
Gosto deste travado morder leve
deste vagaroso morrer em neve
de um tempo na mesma lentidão molengada
- ai! meu dia de calmaria de lesma
na terra molhada de uma estrela das Três Marias.

Salomão Sousa - DF

Eu, migrante

Bagagem repleta de sonhos,
bolsos vazios,
minguados os trastes
na minguante da vida.
Esperança que não cansa.

O vôo sempre malogrado
a caminho da libertação!
Asas mutiladas,
rodopiando ao vento
misturando-se ao pó da ilusão.

A luminosidade, no entanto,
caindo em cheio na alma,
ampliou a percepção tacanha,
transformou imagens e quimeras.

Mas, a roda viva
roda e gira, gira e roda.
Não pode parar.

Eu, migrante de volta,
bagagem cheia de sonhos,
deixo raízes fincadas ao solo,
sorvendo a seiva pobre
do saibro branco,
na esperança que não cansa
de sempre poder voltar.

Nara do Nascimento Silva - DF

Indagações

A prancha, o papel, os óculos, a caneta.
E a inspiração não vem.

Donde surge o poema?
De que portas que se fecham
e que tento arrombar,
ferindo-me nos escombros?
Ah! donde vem o poema?
Da indistigável dor que carrego ños ombros?
Do encontro, da cópula,
do amor das palavras,
umas levando a outras em livre contubérnio?
Ou de uma luz interna,
que pinga pelas brechas, pelas trincas do muro?

Donde sangra o poema?
De um equívoco? de um útero?
de algum nebuloso agregado de acasos?
De que nebulosa?

É um parto? um jogo? um grito?

De onde desce o poema?
Nasce por gravidade?
por leviana vaidade?
por ato de vontade?

Desce do espírito? sobe da matéria?
Flui do coração
ou da mente?

É tijolo que se acrescenta
ou mera imitação?
É suor, cálculo ou flora?
É tudo isso em mistura,
retrato da criatura
que em criador se arvora?

Não sei. Só sei que tonto,
perdido em meio às taças,
bebo os álcoois do poema.
E suplico ao Incógnito
que, indagando do poema,
de mim ache a resposta.

Anderson Braga Horta - DF

Quarteto arcaico

Ah! que amor me destrói, me nulifica!
Ah! que deixa minha alma como morta!
Mas, pássaro que no alto nidifica,
do abismo aos Himalaias me transporta!

Anderson Braga Horta - DF